

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**

THATYANE DOMINGUES CARRETEIRO

**UM DIÁLOGO ENTRE O PÚBLICO E O PARTICULAR NO POEMA “KADDISH” DE
ALLEN GINSBERG**

**CURITIBA
2008**

THATYANE DOMINGUES CARRETEIRO

**UM DIÁLOGO ENTRE O PÚBLICO E O PARTICULAR NO POEMA “KADDISH” DE
ALLEN GINSBERG**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Bacharel em Letras Inglês com ênfase em Estudos Literários, ao setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Prof^a. Orientadora: Luci Collin Lavallo

CURITIBA
2008

Aos meus pais que, mesmo longe, sempre estiveram presentes.

À Luci Collin, por esta orientação e por todas as lições maravilhosas, que só fizeram crescer em mim o amor pela literatura.

À memória de Naomi e Allen Ginsberg

Agradecimentos:

A Cláudio Willer, pelo suporte teórico de suas pesquisas e pela colaboração direta neste trabalho.

À Gisele Pacola, por sua contribuição bibliográfica e por suas dicas sempre úteis.

"MUCH madness is divinest sense
To a discerning eye;
Much sense the starkest madness.
'T is the majority
In this, as all, prevails.
Assent, and you are sane;
Demur,—you 're straightway dangerous,
And handled with a chain."

Emily Dickinson

RESUMO

Esta monografia visa a análise do poema “Kaddish” de Allen Ginsberg, poeta americano do movimento literário conhecido como Geração Beat. Mais precisamente, o presente trabalho pretende demonstrar a existência de um diálogo entre o público e o particular que permeia todo o poema. Isto porque “Kaddish” tematiza tanto aspectos da vida pessoal do poeta, muitos dos quais são reconhecidos em sua biografia, quanto questões de ordem pública, como política, sociedade, cultura, religião etc. O movimento entre estes dois universos é constante e geralmente parte de um elemento particular para um tópico de natureza coletiva. Assim, a morte de Naomi Ginsberg, mãe do poeta, não é apenas o tema central do poema, mas também o marco inicial para uma série de várias outras considerações. Para uma melhor compreensão e reconhecimento deste dualismo, antes da problematização do poema em si, é feita uma breve pesquisa contextual e bio-bibliográfica acerca do poeta e de sua obra. Após a análise literária, conclui-se que a manutenção de tal diálogo comprova a peculiaridade e a complexidade de “Kaddish”, considerado por vários críticos o melhor poema de Ginsberg e um dos melhores do século XX.

Palavras-chave: Beat; Allen Ginsberg; “Kaddish”; público; particular; diálogo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PANORAMA CULTURAL DA GERAÇÃO BEAT	10
2.1 CONTEXTO HISTÓRICO.....	10
2.2 MÚSICA.....	14
2.3 ARTES PLÁSTICAS.....	15
2.4 CINEMA.....	16
2.5 LITERATURA.....	17
2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
3 BIO-BIBLIOGRAFIA DE ALLEN GINSBERG	23
4 “KADDISH”	33
4.1 DA TRADUÇÃO.....	33
4.2 ANÁLISE ESTRUTURAL DO POEMA.....	34
4.3 “KADDISH” NO PÚBLICO E NO PARTICULAR.....	42
5 CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
ANEXOS	68

1 INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado no presente trabalho monográfico é a produção literária do poeta americano Allen Ginsberg, em especial o seu poema “Kaddish”, de 1959. Para se chegar a este objeto pontual, o primeiro fator a ser analisado é o contexto histórico e cultural ao qual pertence o autor. Ginsberg¹ inicia sua criação artística em meados da década de 1940, período marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial e pela fomentação da Guerra Fria, com a conseqüente perseguição às atividades comunistas ou simplesmente rotuladas de anti-americanas, liderada pelo senador Joseph McCarthy. Foi nesse momento que o poeta conheceu demais artistas e intelectuais e formou a Geração Beat, movimento literário de contracultura que protestava contra a repressão política, a censura e os valores artificiais da época, moldados em grande parte a partir do “American Way of Life”, estilo de vida adotado pelos EUA, baseado no trabalho exaustivo e no consumo exacerbado.

Após um breve resumo acerca do panorama cultural, passa-se à análise da biografia e da bibliografia de Ginsberg. Os dois tópicos são considerados juntos, visto que sua obra está natural e intrinsecamente ligada à sua vida. Na verdade, quase toda a produção da Geração Beat está associada à vida de seus escritores, contendo alto teor biográfico, como explica o também poeta Beat Gregory Corso (apud BIVAR *et al.*, 1984, pp.13-14): “A poesia e o poeta são inseparáveis: não posso escrever sobre poesia sem escrever sobre o poeta. Na verdade, eu, como poeta, sou a poesia que escrevo”. A diferença é que, especificamente na poesia de Ginsberg, considerado o autor mais politizado do grupo, o item biográfico aparece associado a determinada problemática sócio-política, ou seja, o elemento particular está relacionado com um elemento de ordem pública. Assim, a feroz e constante crítica à sociedade e ao poder presente em sua poesia não se situa no âmbito do genérico e do abstrato, pois está associada à identidade do eu-lírico. Lewis Hyde (2002, p. 4) estabelece o seguinte comentário a respeito desta fusão: “Allen Ginsberg’s poetry has been both important and enduring in part because it moves back and forth so effectively between the public and the private.”

¹ A partir deste momento o poeta será tratado apenas pelo sobrenome Ginsberg, assim como os demais autores a partir da segunda citação.

É muito provável que a experiência particular de Ginsberg tenha favorecido uma postura crítica diante do mundo: homossexual, judeu no período da Segunda Guerra Mundial e filho de comunistas vivendo nos EUA no momento da fomentação da Guerra Fria. Muitas vezes - como é o caso de "Kaddish" - é das dores deste universo individual que o poeta retira seu arsenal para atacar a estrutura sócio-política da época.

É a partir destas observações sobre sua vida e sua obra, com a devida contextualização de "Kaddish" dentro dela, que se passa à consideração do poema objeto de estudo, que também mantém o diálogo entre as esferas pública e privada. Aliás, trata-se de um dos poemas nos quais esta relação é bem reforçada, e é isto o que este trabalho visa explorar. Como será visto adiante, em "Kaddish" a loucura da mãe de Ginsberg, agravada pelo temor das perseguições nazi-fascista e macarthista, é o ponto de partida para a análise e o questionamento político. Portanto, o poema não é apenas um hino de morte hebreu que Ginsberg dedica à sua falecida mãe e no qual conta sua dramática infância e juventude, mas também uma feroz crítica a diversos valores e instituições. O poeta parte justamente do elemento particular para articular sua visão política, num movimento que vai de um micro para um macrossistema, como sinteticamente explica Hyde (2002, p. 5): "His politics takes shape from his spiritual concerns, and it is in this last that we shall find its meaning."

Esta confluência de dados biográficos com crítica sócio-política, em um constante movimento de ida e volta, é o que faz de "Kaddish" uma mistura do mais alto grau de lirismo com uma espécie de manifesto, tornando-o uma obra ímpar dentro da poesia pós-moderna. Para sintetizar este dualismo, novamente as palavras de Hyde (2002, p. 3): "Does his 'Kaddish' bespeak a son's grief at his mother's death, or is it a Jew's grief after the Second World War, or is it both?" Como se pode perceber, a voz do poema não é a de qualquer pessoa que se revolta contra a sociedade, mas a de um eu-lírico determinado, cuja identidade biográfica é notoriamente reconhecida. Para uma compreensão mais satisfatória do poema, ambos os sub-sistemas (o particular e o público, ou o biográfico e o político) devem ser considerados.

Tal dualidade é apenas uma das qualidades que fazem de "Kaddish" uma obra-prima. Muitos estudiosos consideram este o melhor poema de Ginsberg, superando até

mesmo o seu poema mais famoso “Uivo”, como é o caso de Bruce Cook (1971, p. 113), que atesta a sua originalidade:

It is not only Allen Ginsberg's best, it is the finest single literary work to come out of the Beat movement. And finally, for all its excesses, grotesqueries, and rawness, I hold it to be the most powerful, the most significant, or simply put, the *best* poem by an American written since the war.

Concluindo, a presente pesquisa visa abordar, ainda que de passagem, a literatura de contracultura da Geração Beat e a produção poética de Ginsberg, até chegar ao seu objeto central de análise, que é o poema “Kaddish”, por nós escolhido devido à sua peculiaridade e à sua importância dentro da literatura americana pós-moderna.

2 PANORAMA CULTURAL DA GERAÇÃO BEAT

2.1 CONTEXTO HISTÓRICO

A Geração Beat teve início nos EUA na segunda metade da década de 1940, no conturbado período pós-Segunda Guerra Mundial; no entanto, devido à censura, a maioria das obras ligadas a este movimento só começaram a ser publicadas e conhecidas pelo público na década seguinte.

Após a explosão das bombas de Hiroshima e Nagasaki, com o conseqüente fim da guerra, o mundo se deparou com uma nova realidade: a destruição em massa e em pouco tempo. A novidade direcionou o discurso intelectual para a possibilidade de aniquilação e o niilismo tornou-se inevitável, como evidencia Cláudio Willer (1999²): “categorias como bem e mal, verdadeiro e falso, belo e feio, e a própria noção de ‘realidade’ são despidas de valor, ao serem reduzidas a entidades exclusivamente lingüísticas, sem uma base ou um suporte em um mundo exterior à linguagem”.

Juntamente com a conspiração nuclear surgiu uma nova noção acerca do movimento, um dos ideais mais significativos da Geração Beat, e da velocidade, visto que a destruição se tornou possível em pouquíssimo tempo. A partir desse momento o ritmo do mundo mudou. Além do advento da bomba atômica, esse período histórico é marcado por outras invenções importantes, como a televisão, e pela maior difusão de tecnologias anteriores, como o avião e o telefone, o que facilitou a vida cotidiana das pessoas, tornando-a mais dinâmica e veloz. Toda essa evolução tecnológica relativizou o fator distância, aumentando as possibilidades humanas, como bem explicam Ken Goffman e Dan Joy (2007, p. 251):

Seja ela mortal ou engraçada, essa fusão de tempo e distância era nada menos que um dado persistentemente excitante, interpretado como a expansão das possibilidades humanas – ou, na frase do filósofo dos meios de comunicação dos anos 1960 Marshall McLuhan, as extensões do homem.

Grande vitoriosa da Segunda Guerra Mundial, a América estava no centro da evolução tecnológica. A fascinação pela modernidade dessa evolução e o desejo de

² A referência não apresenta paginação. Trata-se do prefácio da edição de 1999 de “Uivo, Kaddish e outros poemas”, a qual não tivemos acesso DIRETO.

alcançar seus benefícios fez surgir um novo estilo de vida americano, caracterizado pelo trabalho exaustivo capaz de gerar riquezas suficientes para o consumo exacerbado das novas tecnologias. Trata-se do famoso e até hoje propagado “American way of life”, que segue a equação “trabalhar muito para ganhar muito para consumir muito”.

Os eletrodomésticos também são inovações importantes da época e dentre eles se encontra aquele que mais seduziu a sociedade americana: a televisão. Este eletrodoméstico foi um dos grandes responsáveis, ao lado do cinema hollywoodiano, pela propagação de cultura em massa, como atestam as palavras de Willer (1999): “É certo que os meios de comunicação de massa disseminam estereótipos, promovendo o achatamento e vulgarização da informação ao oferecer entretenimento barato”. Mais do que propagar cultura massificada, a televisão mudou os costumes da sociedade, que passou a adotá-la como principal entretenimento. A televisão, sendo a principal fonte de informação e diversão do americano médio, acabou unidirecionando, estagnado seu pensamento, ou como diriam os Beats, o americano parou de pensar para simplesmente consumir a ideologia massificada transmitida através da televisão.

As universidades, por sua vez, contribuíram muito pouco para reverter a situação de estagnação e total falta de criatividade. Talvez o sectarismo e a ortodoxia das comunidades acadêmicas fossem convenientes para a época. Em uma passagem de *Os Vagabundos Iluminados* de Jack Kerouac (2006-b, p. 42), o narrador Ray sintetiza o papel da televisão e da universidade nos EUA da época:

... faculdades não passam de uma escola que dá lustro à falta de identidade da classe média que habitualmente encontra sua expressão perfeita às margens do campus em fileiras de casas abastadas com gramados e um aparelho de televisão na sala e todo mundo olhando para a mesma coisa e pensando a mesma coisa ao mesmo tempo...

Esse também foi o período da fomentação da Guerra Fria, no qual se enalteceu ainda mais o “American way of life” e se iniciou uma espécie de “cruzada”, liderada pelo senador McCarthy, contra as atividades rotuladas de anti-americanas. Assim, o socialismo e o comunismo, as correntes dissidentes mais significativas do país, foram violentamente atacados pelo macarthismo, principalmente na primeira metade da década de 1950, quando a perseguição a intelectuais e artistas militantes ou suspeitos

de pertencerem a grupos de esquerda tornou-se ainda mais acirrada, resultando em muitas prisões.³

É nesse contexto de alienação (essencial para o esquecimento da ameaça atômica), padronização do pensamento e perseguição política que surge o movimento rebelde do hipsterismo, que fortemente influenciou a Geração Beat. Os hipsters, descrentes no futuro devido à conspiração nuclear, viviam o presente de forma intensa e à parte dos valores da sociedade. Eles geralmente eram marginais drogados que estavam sempre no limite da economia e que saíam juntos à noite para curtir a vida em sessões de jazz e orgias. Goffman e Joy (2007, pp. 256-257) evidenciam bem o modo de viver completamente descompromissado dessas pessoas:

O hipsterismo floresceu na própria ansiedade nuclear que os caretas estavam tentando esquecer. A possibilidade de um apocalipse instantâneo criava uma desculpa perfeita para fugir das responsabilidades e recompensas atrasadas da vida adulta comum. Por que construir cuidadosamente uma carreira, uma família e uma reputação quando não havia futuro? O hipster estava livre para viver o momento. Em sua famosa ode a essa subcultura, "The White Negro", Norman Mailer escreveu que os hipsters estavam interessados na "busca de um orgasmo mais apocalíptico que aquele que o precedera", uma definição tanto sexual quanto metafórica para qualquer experiência intensa e extática de viver o momento.

Os hipsters, apesar de toda a rebeldia, não atacaram o sistema social nem o aparato político da época, isso porque eles não acreditavam em mudanças positivas, assim como não acreditavam em nada, daí o seu modo de viver extremamente intenso e destrutivo.

Os Beats viram nos hipsters um interessante contraponto da sociedade moralista, hipócrita e sem criatividade da época. Muitos artistas chegaram a adotar um estilo de vida muito semelhante ao hipster, como é o caso de William Burroughs, que mostra sua experiência decadente como drogado no romance *Junky*. No entanto, há várias diferenças entre os pobres hipsters e os filhos de classe média Beats. A mais importante de todas é que os hipsters não encontravam refúgio nas artes, com exceção

³ A respeito da repressão, as palavras de Michael McClure (2005, p. 23): "Éramos presas da Guerra Fria e do primeiro embate na Ásia – a Guerra da Coreia. (...) Nós odiávamos a guerra, a desumanidade e a frieza. O país estava sob um clima de lei marcial. (...) Estávamos oprimidos como artistas, e de fato toda a nação estava oprimida" e de Gisele Pacola (2007, p. 8): "Qualquer tipo de inconformismo era tratado como suspeito de possível foco de desordem, a oposição política era mal vista, essa cultura acabou gerando um ambiente de descontentamento social; nesse ambiente, surgiu o grupo que iria influenciar o surgimento de várias outras gerações: os beats."

do jazz, além de não se engajarem em torno de uma transformação. Os Beats, por outro lado, eram artistas que se rebelaram através da sua arte contra os ideais padronizados da sociedade americana, atacando o militarismo e defendendo a fuga do “American way of life” em busca de liberdade no modo de viver e de pensar, além da própria liberdade de expressão, como explica Willer (1999):

A relação com seu tempo lhes confere sentido político. Representaram a reação contundente a uma sociedade militarizada, recém-saída de uma guerra mundial, que entrava na Guerra Fria e se preparava para conflitos como os da Coreia, Vietnã e tantas outras intervenções diretas ou indiretas; a negação de um mundo no qual tudo poderia acontecer, inclusive a destruição pela ameaça nuclear; um mundo que, de algum modo, teria que mudar. Contribuíram, ao se converter em expressão de um movimento geracional, para uma abertura, um grau maior de tolerância com a diferença e a exceção, que, ainda hoje, não pode deixar de ser valorizada.

Desconsiderando demais diferenças pontuais, é possível dizer que os Beats eram uma espécie de hipsters literários-engajados.

Por se tratar de um período histórico puritano ou falso moralista, a produção artística foi bastante reprimida. Como foi dito anteriormente, muitas obras literárias, em especial dos Beats, foram esbarradas pela censura e geraram infundáveis batalhas judiciais para só depois serem publicadas. A censura, contudo, causou o efeito contrário, chamando a atenção para as obras proibidas e a Geração Beat ficou famosa, eis que as pessoas, principalmente os jovens, ficaram curiosas para descobrir o que havia de tão excepcional nessa literatura de protesto.

Por fim, resta o esclarecimento de que, apesar da censura e da perseguição política, os EUA eram um país relativamente aberto, eis que um movimento literário rebelde teria sido completamente sufocado em um Estado totalitário. Em países totalitários os Beats eram vistos como desejo de mudança, como é o caso da antiga Checoslováquia, de onde Ginsberg foi expulso em 1968 por ter sido coroado “Rei de Maio” na “Primavera de Praga”, evento em defesa de um socialismo mais humano.

Para melhor compreensão do contexto histórico, passa-se agora a uma breve análise do que estava acontecendo de mais importante nos diversos segmentos artísticos naquele momento.

2.2 MÚSICA

O ritmo predominante no final da década de 1940 e da década de 1950 foi a batida alucinante do jazz, que parecia contestar toda a superficialidade e falsidade da sociedade americana da época.

Mais do que simples rebeldia (se é que a revolta contra um modelo de vida artificialmente criado pela indústria de eletrônicos e sustentado pelo marketing do mercado e do próprio governo pode ser considerada como simples rebeldia), os músicos do jazz buscavam restaurar a essência da vida e modos alternativos de vivê-la. Muitos clássicos do jazz são a expressão de uma procura apaixonada por algo transcendente.

Interessante observar que os grandes músicos do jazz eram homens negros, pobres excluídos do universo completamente materialista daquele período. Daí a revolta contra os valores artificiais da sociedade e a busca pelo transcendente.

John Coltrane, Miles Davis, os grupos “Modern Jazz Quartet” e “Gerry Mulligan” são grandes nomes do jazz no contexto cultural da Geração Beat. O bar “Johnny Romero” e o apartamento de Gil Evans (ambos em Nova Iorque) eram locais importantes, onde vários músicos e demais artistas da época se encontravam para discutir idéias.

O jazz influenciou e muito a produção literária dos Beats. O próprio termo “beat”, dentre outras inferências⁴, se refere à batida do jazz. Segundo Thiago Augusto (2006), o jazz foi a principal fonte de gírias e novos termos da contracultura da época.

Outro ritmo marcante do período foi uma variação do jazz, o bebop, caracterizado pelo uso da improvisação e cujos maiores nomes são Charlie Parker, Dizzy Gillespie e Thelonious Monk.

⁴ Eduardo Bueno (in KEROUAC, 2006-a, p. 13) enumera demais inferências do termo “beat”: “Para Hunckle, beat definia um estado de ‘exaltada exaustão’. Mas Kerouac logo percebeu as múltiplas ressonâncias da palavra, que significa simultaneamente ‘batida’ (no sentido do ritmo musical), ‘porrada’ (no sentido de golpear), ‘abatido’ ou ‘exausto’ (beated), ‘pulsção’ (heart beat), ‘cadência do verso’, ‘trajeto’ ou ‘trilha’ (no sentido jornalístico), ‘pilantra’ ou ‘proveitador’ e até ‘botar o pé na estrada’ (‘beat the way’, expressão, aliás, muito usada por outro Jack, o London), além de conter, também e acima de tudo, o radical de beatitude – que foi o que realmente despertou Jack para a sonoridade do vocábulo ao qual ele se vincularia pelo resto da vida”.

Kerouac (in AUGUSTO, 2006) dizia que seu modo de composição se baseava no fôlego exigido pelos saxofonistas do jazz e do bebop:

Jazz e bop, no sentido de um saxofonista tomando fôlego e soprando uma frase em seu sax, até ficar sem ar novamente e, quando isso acontece, sua frase, sua declaração foi feita... É assim que separo minhas frases, como separações respirantes da mente.⁵

A influência da música na produção de Kerouac é realmente bastante significativa, tanto que na nota introdutória de seu livro-poema *Mexico City Blues*, ele escreveu que desejava ser “considerado um poeta jazzístico, tocando um longo blues em uma *jazz session* vespertina de domingo” (in GOFFMAN; JOY, 2007, p. 263).

2.3 ARTES PLÁSTICAS

No campo das artes plásticas predominavam o surrealismo, o cubismo e o dadaísmo que, aos poucos, foram dando margens a técnicas cada vez mais criativas e ousadas, como a “Action Painting”, relacionada à idéia de movimento, e o “American Style”.

O nome mais expressivo nessa área é o de Jackson Pollock, que revolucionou o conceito da composição tradicional ao evitar a identificação de um centro ou a correlação entre as partes de suas obras. Mas não é só: Pollock também inovou na forma de trabalhar, eis que pintava suas telas no chão e usava paus, facas e objetos de predreiro para pintar, instrumentos estes que nunca tocavam as telas. Além da irreverência genial dos instrumentos utilizados, os próprios materiais que compunham a obra (a tela) também eram diversificados, como cacos de vidro moído e areia. Primeiramente adepto ao surrealismo, com tamanhas inovações na composição e na própria produção de suas obras, Pollock abriu caminho para a corrente chamada Expressionismo Abstrato.

⁵ PACOLA (2007, p. 17) também evidencia como o bebop influenciou os escritores da Beat: “Os beats aplicavam na escrita a espontaneidade que observavam nos músicos do bebop, no modo como estes tocavam suas músicas. O bebop era um jazz moderno, com ritmo rápido, harmonias complexas, melodias sofisticadas e labirínticas, e seções rítmicas que mentêm uma batida regular no baixo e no chimal de bateria.”

Dentre os principais artistas que integram o Expressionismo Abstrato estão: De Kooning; Lee Krasner; Mark Rothko; Philippe Guston; Franz Kline; Barnett Newman; Clifford Still e Hellen Frankenthaler.

Assim como o som eletrizante do jazz e do bebop, as artes plásticas também influenciaram a produção literária dos integrantes da Geração Beat. Burroughs desenvolveu uma técnica literária, denominada por ele próprio de “cut-up”, que consiste no recorte e remontagem arbitrária de trechos de textos, devido à influência do cubismo e do dadaísmo.

2.4 CINEMA

Não foi apenas o contexto cultural que influenciou os Beats, mas eles próprios inspiraram outras formas de arte. Mesmo com algumas críticas do grupo em relação à cultura massificada produzida pelo cinema, ao menos por Hollywood, este várias vezes se inspirou no estilo de vida Beat. Isso, óbvio, depois que os escritores ficaram famosos com a ampla divulgação da mídia acerca dos escândalos. Com o tempo até mesmo alguns programas de televisão foram inspirados nos Beats.

São exemplos dessa inspiração os filmes com os atores James Dean, Marlon Brando, Paul Newman e Montgomery Clift, que freqüentemente davam vida a personagens com motocicletas e roupas pretas de couro. Segundo André Bueno e Fred Goés (1984, pp. 7-8), tais filmes realmente foram influenciados pela Geração Beat, porém eles não a retratam bem. Isso porque o cinema hollywoodiano, que é aquele assistido justamente pela sociedade tão criticada pelos Beats, camufla várias questões que os envolvem, como as drogas, a total liberdade sexual, o tratamento das mulheres como objetos, o homossexualismo etc. Goffman e Joy (2007, p. 257) também atentam para o fato de que Hollywood abordava a contracultura Beat e hipster sempre mantendo uma distância segura. “Êxito Fugaz” (1950), “Juventude Transviada” (1955) e “O homem do braço de ouro”, com Frank Sinatra (1956) são exemplos de filmes hollywoodianos que exploram a temática Beat-hipster.

Borroughs chegou a fazer algumas participações em filmes, como em “Home Of The Brave” e “Drugstore Cowboy”.

Diferentemente da idealização do cinema hollywoodiano, os próprios Beats gravaram alguns filmes caseiros que expressam exatamente o que é a Geração Beat.

2.5 LITERATURA

É a própria Geração Beat. Muito embora a conotação do termo “beat” tenha se expandido a ponto englobar todas as artes como um movimento, quando se fala em Geração Beat de forma mais pontual, a referência é a literatura. A expressão foi criada em novembro de 1952 por John Clellon Holmes em um artigo para o “New York Times” intitulado “This is the Beat Generation”.⁶

Há dois segmentos dessa geração que pregou a contracultura protestando contra a automatização desumana da cultura americana. Um dos segmentos, que é o inicial, teve origem em Nova Iorque durante a década de 1940. Mais precisamente, esse grupo teve início em 1943, quando dois estudantes da Universidade de Colúmbia se encontraram: Ginsberg e Kerouac. Tal grupo, portanto, se formou de forma espontânea, sem premeditação, conforme os escritores iam se conhecendo em diferentes ocasiões. Pertencem a esse segmento inicial: Ginsberg; Kerouac; Burroughs; Holmes; Corso; Herbert Huncke; Lucien Carr; Hal Chase e Neal Cassady, que estava de passagem em Nova Iorque vindo do oeste. A princípio Ginsberg, Kerouac, Burroughs e Carr decidiram desenvolver o que denominaram de “Nova Visão” que, segundo Willer (1999), alia a noção de Arthur Rimbaud de que a vidência é o resultado do desregramento dos sentidos com o ocultismo e o misticismo visionário de William Butler Yeats. O uso de drogas era o principal meio para alterar a consciência a fim de se estimular a percepção, criando uma estreita relação entre misticismo e produção literária. Após esse período mais metafísico, a literatura urbana se tornou o marco forte desse segmento, com temas voltados à vida delinqüente, às drogas, ao desregramento sexual etc. Segundo Gisele Pacola (2007, p. 11), “este grupo criou um estilo poético

⁶ Observe o seguinte trecho do artigo de Holmes: “Isso [beat] implica a sensação de ter sido usado, de estar em carne viva. Envolve uma espécie de desnudamento da mente e, em última instância, da alma: a sensação de estar sendo reduzido às bases da consciência. Em síntese, significa ser empurrado sem drama contra o muro do isolamento” (in GOFFMAN e JOY, 2007, p. 262).

urbano com linguajar das ruas, e narrava suas experiências próprias com um estilo inovador e pessoal.”

Quase uma década depois, Ginsberg e Kerouac vão para o oeste atrás de Cassady e acabam ficando um tempo em São Francisco. Essa viagem marcou o início das obras “de estrada”, que associam a Beat à vida errante. De fato, a partir desse momento os escritores passaram a circular bastante nos EUA de carona, e até em outros países. Foi nessa temporada em São Francisco que teve início o segundo segmento da Geração Beat, uma vez que Ginsberg e Kerouac tiveram contato com demais escritores da cidade, que costumavam se reunir em torno do anarco-pacifista Kenneth Rexroth. Esse grupo era conhecido como “San Francisco Renaissance” e também estava inconformado com o modo de vida extremamente consumista e alienado da sociedade americana. Vários escritores, artistas e intelectuais compunham o segmento de São Francisco, dentre os quais se encontram: Rexroth; Lawrence Ferlinghetti; Gary Snyder; Norman Mailer; David Meltzer; George Herms; Wallace Berman; Bruce Conner; Philip Lamantia; Philip Whalen; Michael e Joanna McClure. Aqui, a literatura urbana se expandiu e passou a abordar também questões como o campo, a natureza e o espírito, temática que também agradava aos Beats do leste, uma vez que desde o começo da década de 1950 Ginsberg e Kerouac passaram a se interessar por filosofias orientais, em particular o budismo, isso sem falar no início metafísico da “Nova Visão”. Com o tempo essa consciência orientalista acabou resultando em movimentos pacifistas por parte de alguns escritores, como é o caso de Ginsberg. Em ambos os segmentos as obras eram escritas de forma espontânea, seguindo o preceito budista de que a primeira idéia é a melhor idéia. De acordo com Goffman e Joy (2007, p. 262), o segmento de São Francisco era um pouco mais sossegado e sério que o grupo de Nova Iorque.

A Geração Beat estava então completa, com seus dois segmentos e suas figuras multiculturais: o judeu de origem russa Ginsberg (depois convertido ao budismo); o índio franco-canadense Kerouac; o sulista anglo-saxão Burroughs; três italianos; os negros Bob Kaufman e LeRoy Jones etc.

Foi no dia 13 de outubro de 1955, em São Francisco, mais especificamente na “Six Gallery”, um galpão de oficina mecânica transformado em galeria de arte, que

Ginsberg organizou, a pedido de McClure, um recital poético e, já embriagado, leu pela primeira vez a primeira parte de seu poema-lamento “Uivo” para uma platéia enlouquecida e regada a vinho por Kerouac. A leitura de “Uivo” é considerada o marco em que a cultura Beat desabrochou. Sobre a memorável leitura, as palavras de McClure (in GOFFMAN; JOY, 2007, p. 163):

No nível mais profundo (...) tinha sido rompida uma barreira, uma voz e um corpo humanos tinham sido arremessados contra a áspera muralha da América e os exércitos e marinhas e academias e instituições e sistemas de propriedade e bases de poder que a sustentam.

e de Rexroth em ensaio de Willer (1999): “... quando Allen leu *Howl*, foi como se o céu caísse sobre nossas cabeças. Um efeito inimaginável. Pois, seguramente, ele dizia tudo o que aquele público desejaria ouvir, e dizia isso na linguagem deles, rompendo radicalmente com o estilo estabelecido”. Além de Ginsberg, também recitaram poemas Lamantia, Snyder, McClure, Whalen e Rexroth, que também fora o mestre de cerimônias da noite.⁷

No conjunto, a Geração Beat resultou em uma verdadeira renovação cultural ao unir a mesma quantidade de loucura e talento. Segundo Willer (1999), a Beat não é o primeiro grupo de escritores com vida desregrada. Os românticos, por exemplo, já estabeleciam relações com drogas e orgias, no entanto não traziam necessariamente tais experiências para suas obras, ou seja, a realidade desregrada não estava diretamente presente na produção, como ocorre com os Beats, cujos excessos são parte fundamental de sua temática. Algumas obras Beat defendem abertamente o uso de drogas e a liberação sexual. Aliás, o grupo conferiu valor ontológico ao sexo,

⁷ A partir deste famoso recital os Beats passaram a promover com maior frequência leituras públicas de poemas, resgatando assim a tradição oral da poesia e levando-a para além dos limites das universidades, bibliotecas e instituições, como atesta Snyder (2005, p. 180): “Todos nós dispúnhamos do resultado de cinco a dez anos escrevendo poemas, e a maioria destes escritos nunca havia sido ouvida por ninguém. (...) Daquela noite em diante, toda semana havia leitura de poesia na casa de alguém, ou nalgum bar ou galeria de San Francisco. Nós tivemos uma súbita sensação de que havíamos finalmente aberto caminho para uma nova liberdade de expressão, de que tínhamos acabado com a força opressora das universidades sobre os poetas, e ido além dos argumentos tediosos e insensatos dos bolcheviques contra os capitalistas que estavam (e ainda estão) esgotando a vida imaginativa de tantos intelectuais no mundo. O que nós tínhamos descoberto, ou redescoberto, era que a imaginação tem uma vida livre e espontânea por si, que se pode confiar nela, que o que flui duma mente espontânea é poesia – e que isto é mais essencial e mais revolucionário que qualquer programa político baseado em “abstrações civilizadas” que acaba assassinado os seres humanos em nome da necessidade histórica ou da Razão ou da Liberdade; a Rússia e a América são, ambas, grandes e ignorantes assassinas do coração do homem.”

considerando-o integrado à vida e à criação. De fato, o grupo é marcado por uma série de orgias, com relações homossexuais entre os próprios escritores, “numa intrincada rede de relações, em um grau de sexualização inédito em um grupo ou movimento” (WILLER, 1999). Tais experiências sempre foram assumidas e encaradas como normais, resultando em uma revolução sexual, fazendo com que o assunto fosse visto com maior naturalidade a partir de então. Como foi demonstrado, é possível dizer que em toda a Geração Beat há uma estreita relação entre obra e vida, entre poesia e poeta, conforme explica novamente Corso, em passagem já citada: “A poesia e o poeta são inseparáveis: não posso escrever sobre poesia sem escrever sobre o poeta. Na verdade, eu, como poeta, sou a poesia que escrevo.” (in BIVAR, 1984, pp. 13-14).

Como a literatura Beat entrou em cena em um contexto histórico pouco favorável a mudanças e inovações, ela foi demasiadamente criticada, e até mesmo arrasada, pela crítica conservadora da época, dominada pelo “New Criticism” - Nova Crítica, corrente formalista baseada na análise impessoal do texto. Em momento algum da história da literatura americana um grupo de escritores havia sido tão ferozmente criticado. Vale lembrar que, além do momento puritano inoportuno, os EUA nunca passaram por uma experiência artística revolucionária, visto que os vanguardistas americanos do Modernismo, como Ezra Pound, T. S. Eliot e Gertrude Stein, haviam se instalado na Europa.

Assim, os críticos atacaram veementemente a produção da Geração Beat, julgando de maneira preconceituosa que boêmios promíscuos e sem boa reputação moral (segundo os seus princípios) não fossem capazes de fazer boa literatura. Willer (1999) alega que o fundamento favorito da crítica anti-Beat era a espontaneidade e o informalismo das obras, que eram erroneamente considerados como manifestações de ignorância. Ignorantes foram os críticos, que desconheciam ou ignoravam propositadamente que, antes das obras espontâneas e informais, os Beats haviam produzido muitos textos formais e cerebrais, como os poemas do início da carreira de Ginsberg, que tinham temática metafísica e eram rimados e metrificadas em versos curtos. A crítica não percebeu, ou fingiu não perceber, que o espontâneo e o informal

eram estágios mais avançados do grupo, condizentes com sua evolução ideológica de rompimento com tudo o que estava estabelecido, inclusive com a tradição literária.⁸

A rejeição aos novos valores trazidos pela Geração Beat também pode ser observada na censura, nas batalhas judiciais, nos internamentos e nas prisões que certas obras renderam. Contudo, como foi dito anteriormente, a enorme divulgação da mídia em cima de julgamentos envolvendo a literatura Beat fez com que ela despertasse a atenção do público, em especial dos jovens. A partir de um dado momento, em especial com a publicação de *Pé na Estrada* de Kerouac, surge um grande interesse acerca dos Beats, que passam a ser lidos, mesmo que escondidos. Com o tempo a própria crítica deixa para trás o preconceito e começa a reconhecer o brilhantismo e a tremenda criatividade dessa geração.

Há uma certa discussão sobre o fato da Geração Beat constituir ou não um movimento literário. Uns defendem que sim, devido ao rompimento total com o pensamento da época e a todas as inovações que esses escritores trouxeram. Outros dizem que não, pois trata-se de um grupo local muito restrito. Outro argumento dos que não consideram a Beat um movimento é o fato de que seus escritores possuíam estilos diversos, não havendo um padrão estético no grupo. Movimento literário ou não, o que importa é que o “uivo” foi ouvido, despertando muitos para a artificialidade e falsa felicidade de todo um sistema e deixando um legado para as gerações posteriores.

2.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama cultural da Geração Beat é marcado por um forte puritanismo e por uma conseqüente repressão. Mesmo em um ambiente tão desfavorável, os artistas da época não temeram a censura e ousaram inovar. Como é possível observar, a inovação se deu em praticamente todas as áreas artísticas, umas influenciando as outras.

Provavelmente esse foi o momento de maior criatividade artística até os dias de

⁸ PACOLA (2007, pp. 17-18) também ressalva a ferocidade da crítica em relação aos Beats: “A crítica em geral não apreciava muito a inserção do movimento beat como movimento literário, devido ao estilo de vida que os escritores beats levavam; estilo esse bem antagônico ao do intelectual de escritório ou do escritor recluso. (...) O escândalo social era tanto que o furor dos críticos, isentos de uma avaliação apenas literária, encobria as obras e os sentidos das mesmas”.

hoje, o que só faz aumentar o prestígio desses verdadeiros gênios que tiveram a coragem de renegar o tão massivamente imposto “American way of life” e criar novos parâmetros para a arte e para a vida em si, priorizando o que ela tem de essencial. Os Beats influenciaram muitos movimentos sociais e artísticos posteriores, como o movimento hippie, o pacifismo anti-militar, os discursos a respeito da sexualidade, o rock⁹ etc. O atual e considerável fluxo do mercado editorial a respeito da Beat, bem como o grande número de páginas e “web-sites” sobre o tema, demonstram que as idéias defendidas pelo grupo não foram esquecidas, pelo contrário, continuam atuais.

⁹ Sobre o tema vide o trabalho de Pacola (2007) sobre a influência de Kerouac na música de Bob Dylan.

3 BIO-BIBLIOGRAFIA DE ALLEN GINSBERG

Ginsberg nasceu em Paterson, no estado de Nova Jersey, EUA, no ano de 1926. Seu pai, Louis Ginsberg, era poeta e professor de literatura do ensino secundário. Sua mãe, Naomi Ginsberg, era uma imigrante russa, militante de esquerda que sofria de sérios distúrbios mentais, agravados por sua mania de perseguição por causa de sua concepção política comunista e de sua religião, o judaísmo. A perseguição sentida por Naomi tem fundamento, visto que ela vivenciou as duas guerras mundiais e o macarthismo. Embora vivendo na América, país aliado contra o nazi-fascismo, Naomi se sentia vigiada e chegou a ter visões nas quais o próprio Adolf Hitler a perseguia. Com o drama da mãe, que passou boa parte de sua vida internada em hospitais psiquiátricos, a infância e a juventude de Ginsberg - relatadas em "Kaddish", poema objeto deste trabalho - foram bastante difíceis.

O convívio com duas figuras tão distintas, o pai intelectual e a mãe com problemas mentais, levou Ginsberg a questionar-se sobre sua identidade, seu papel no mundo e na sociedade. Segundo Willer (in GINSBERG, 1984 p. 14), este conflito pessoal é transportado para a sua poesia, que visa conciliar tais opostos: "a consciência intelectual e reflexiva e o inconsciente poético e vital; o descarnado mundo dos signos e da linguagem e o mundo concreto da corporeidade e do erotismo; a liberdade individual e a participação social e política". De fato, tanto a vida como a obra de Ginsberg são marcadas por vários dualismos, dentre os quais a relação entre os universos público e particular.

Ginsberg começou a escrever precocemente e é interessante observar que sua coletânea de poemas juvenis, "Gates of Wrath", é toda rimada, metrificada em verso curto e com temática metafísica, ou seja, ainda ao gosto da tradição literária que prevalecia desde o Realismo. Estes primeiros poemas bem formais teriam recebido a influência racional de seu pai, assim como seus poemas posteriores, principalmente os de temáticas mais delirantes, podem ser considerados a demonstração da influência de sua mãe.

Em 1943 o poeta se mudou para Nova Iorque para estudar na Universidade de Colúmbia, onde se graduou em 1948. No início da faculdade, Ginsberg continuou

escrevendo poesia em moldes convencionais, que era publicada no jornal dos estudantes. Seu período na universidade foi bastante conturbado, uma vez que ele se envolveu com ex-alunos que haviam sido expulsos da instituição, como Kerouac e Carr. Além das amizades mal vistas, Ginsberg era provocador e inquieto, o que levou professores e alunos a considerá-lo como louco. Em 1945 ele chegou a ser suspenso da universidade. Foram os novos amigos rebeldes que o levaram para o ambiente boêmio, onde conheceu vários outros artistas e intelectuais, além de delinqüentes, como confirma Willer (in GINSBERG, 1984, p. 15):

Ao chegar lá logo fez amizade com pessoas que circulavam pelo ambiente boêmio da cidade, freqüentando os bares e lugares de reunião de jovens artistas e intelectuais, estudantes, músicos de jazz, drogados e delinqüentes. Foi lá que conheceu William Burroughs e Jack Kerouac, além de personagens como o delinqüente Herbert Huncke, Lucien Carr e outros.

Um dos intelectuais que mais exerceu influência na sua obra foi William Carlos Williams, de quem Ginsberg se tornou amigo em 1948. Através desta amizade Ginsberg entrou em contato com a “prosódia de fala americana” de Williams, que visa incorporar à literatura a fala informal do cotidiano das pessoas comuns. Esta representação da experiência coloquial e imediata entrou em conflito com a tradição literária vigente na época, voltada para a abstração e para a metafísica, sob forte influência do Eliot da segunda fase (pós “Quartetos”) e de Lionel Trilling. Segundo Goffman e Joy (2004, p. 259), Williams também foi quem o aconselhou a usar versos livres.

Muitos dos episódios relatados em “Uivo”, seu poema mais famoso e que o tornou conhecido através da célebre leitura na “Six Gallery”, aconteceram durante sua tumultuosa passagem por Colúmbia. São episódios marcantes, como sua suspensão em 1945; suas viagens na Marinha Mercante; seu relacionamento a três com Cassady e a esposa deste em 1947; sua experiência transcendental em 1948, quando ouviu a voz de William Blake enquanto lia o poema “Há! Sun-Flower” (“Ah! Girassol”) dos “Songs of Innocence” e se masturbava¹⁰; sua detenção no mesmo ano e o conseqüente internamento em um hospital psiquiátrico por oito meses (onde conheceu Solomon¹¹)

¹⁰ Esta experiência foi bastante significativa na vida de Ginsberg e, além de inspirá-lo a escrever o poema “O Sutra do Girassol”, também o convenceu a seguir pela trilha dos autores visionários e proféticos, como Blake.

¹¹ O encontro entre Ginsberg e Solomon é famoso e foi bem relatado por Willer (in GINSBERG, 2005, p. 13): “ambos, ao se verem, apresentaram-se como personagens de Dostoievski: ‘Quem é você?’, ‘Eu sou Michkine’ (Ginsberg); ‘Eu sou Kirilov’ (Solomon)”.

devido a um incidente, quando foi flagrado em um carro roubado¹² na companhia de Huncke e mais dois delinqüentes que ele abrigava em seu apartamento; seus primeiros contatos com as drogas; seu trabalho como lavador de pratos entre outras situações.

Depois de formado, Ginsberg tentou, sem sucesso, várias atividades profissionais e esteve desempregado muitas vezes, vivendo apenas com o que recebia do seguro assistencial. Foi nessa época que começou a viajar bastante, levando uma vida errante. Primeiro foi até a fazenda de Burroughs no Texas, depois fez uma viagem de navio pela África; em 1953 foi para Havana e, por fim, ficou seis meses no México, onde adquiriu grande interesse pelas ruínas da civilização Maia.

Após tantas viagens o artista mudou-se para São Francisco para retomar sua relação amorosa com Cassady. Trata-se de um período muito significativo, tanto para sua vida pessoal, como para sua produção literária. Foi em São Francisco que Ginsberg conheceu Peter Orlovsky, seu companheiro até o fim da vida, e que entrou em contato com os poetas da “San Francisco Renaissance”. Certamente, o fato mais notório deste período foi a leitura da primeira parte de “Uivo” no já citado recital na “Six Gallery” em 1955, que o projetou como poeta.

No ano seguinte “Uivo e Outros Poemas” foi publicado pela City Lights, editora de Ferlinghetti. A recepção não foi das melhores, uma vez que a publicação sofreu um processo por obscenidade, que culminou com a prisão de Ferlinghetti e a interdição do livro até o ano seguinte, quando uma decisão da Suprema Corte liberou sua comercialização¹³. O processo por obscenidade acabou chamando a atenção do público, o que fez com que o livro se tornasse um sucesso editorial após sua liberação. Depois desta importante vitória judicial, Ginsberg se engajou para lançar muitas obras importantes de seus amigos da Beat, que também estavam sofrendo com a implacável censura da época, como exemplificam Goffman e Joy (2004, p. 264):

Ginsberg imediatamente começou a usar sua energia e sua fama para conseguir a publicação das obras de seus amigos. Em seqüência chegaram às livrarias *On the Road* (1957), *Os vagabundos iluminados* (1958), *The Subterraneans* (1958), *Dr. Sax* (1959) e *Mexico City Blues* (1959), de Kerouac,

¹² Segundo Goffman e Joy (2004, p. 260), o carro era de Ginsberg, as roupas que os delinqüentes tinham colocado dentro dele é que eram roubadas.

¹³ WILLER (in GINSBERG, 1984, p. 18) enumera alguns dos motivos que explicam o impacto provocado por “Uivo”: “seu ritmo alucinante, sua seqüência de imagens fortes, a linguagem crua e direta, a ausência de concessões a padrões de moral e bom gosto, o tom profético e apocalíptico, a síntese no relato das experiências dos marginalizados e radicalmente comprometidos com a vida daquela geração”.

bem como a antologia de poemas *Gasoline*, de Gregory Corso; o clássico *O almoço nu*, de William Burroughs... Ginsberg chegou a ajudar a atrair atenção para escritores do San Francisco Renaissance como Gary Snyder, Philip Whalen, Robert Creeley e Robert Duncan. Era o começo do papel de Ginsberg como divulgador e publicitário da contracultura do final do século XX.

Michael Schumacher (2002), na biografia do site oficial de Ginsberg, também confirma o fato dele ter se tornado o principal articulador da Geração Beat: “Ginsberg, who understood the currency of publicity from his youthful days as a marketing researcher, embraced his role as the Beat Generation’s most eloquent and persistent spokesperson.”

Apesar do sucesso editorial, “Uivo e Outros Poemas” foi muito mal visto pela crítica que, em geral, se negou a enxergar a qualidade da obra devido ao seu conteúdo contrário à moral e aos bons costumes¹⁴. A poética fora dos moldes acadêmicos iniciada neste livro foi confundida com espontaneísmo inculto, simples brincadeira ou provocação sem valor literário.¹⁵ Contudo, vale ressaltar que a criação ginsberguiana é bastante erudita. Ginsberg era um grande leitor de Walt Whitman (que exerceu forte influência em sua obra¹⁶), Rimbaud, Apollinaire, Crane, Céline etc, só que estas leituras não eram as que estavam na moda na sociedade acadêmica da época. Além do mais, vale lembrar que sua primeira coletânea de poemas é bastante cerebral, seguindo as técnicas literárias formais, portanto, não há que se falar em ignorância literária quando, na verdade, a informalidade representa a quebra com a convenção e, por isso, é um avanço em relação à produção anterior. Vale ressaltar que, ao lado da prosódia de Williams, a escrita espontânea de Kerouac também foi determinante para a identidade

¹⁴ Em um ensaio bastante negativo de 1957, o crítico Michael Rumaker (in HYDE, 2002, p. 37) descreve o poema como “a listing of horrors described with inaccurate adjectives.”

¹⁵ Esta visão equivocada é ilustrada no mesmo ensaio de Rumaker (in HYDE, 2002, p. 36), citado na nota acima: “The language of ‘Howl’ is curiously ‘materialistic.’ I mean it is quantitative (a quantity of verbiage) without reference to quality. I speak later of fever in his poem and I think it’s that: the feelings are not precise (are an onrush of emotional bulk) and therefore the words, the language, cannot be precise. The abstractions of adjective and noun don’t help to name the thing – to lock in the lines, precisely, what the poet means”.

¹⁶ SCHUMACHER (2002) comenta parte da influência de Whitman em Ginsberg: “Like Whitman, the foundation of Ginsberg’s work was the notion that one’s individual thoughts and experiences resonated among the masses. ‘It occurs to me that I am America’, Ginsberg wrote, and while the statement was intended to be humorous, it also illustrated his idea that democracy begins with the raising of a single voice.” O poema “Um Supermercado na Califórnia” é um dos poemas em que Ginsberg homenageia o poeta.

literária de Ginsberg, que passou a adotar o estilo coloquial, quase prosa em alguns poemas (daí os versos longos).

Depois da publicação de “Uivo e Outros Poemas” Ginsberg viajou novamente e desta vez ele foi para o Ártico. Quando retornou, ele intensificou sua atuação em recitais e debates, resuscitando a tradição oral da poesia, que há tempos estava esquecida. Durante uma destas reuniões aconteceu um episódio que escandalizou a época: uma pessoa da platéia perguntou o que Ginsberg entendia por poesia e ele respondeu “nudez”. Então a pessoa revidou e perguntou o que ele entendia por nudez e Ginsberg respondeu tirando a roupa. A figura pública do poeta Beat é marcada por uma série de escândalos como este, que reforçavam ainda mais a rejeição da crítica moralista, porém ele nunca recuou diante dela. Pelo contrário, ele, dentre outras posturas “chocantes”, sempre assumiu sua homossexualidade (mantendo uma intrincada rede de relacionamentos com freqüentes sessões de orgias) e defendeu abertamente o uso de drogas.

Em 1957 Ginsberg voltou a viajar, agora acompanhado de Corso e Orlovsky. Primeiro ele foi para Tanger, onde estava Burroughs, e depois foi para vários países da Europa, tendo ficado um bom tempo em Paris. Este é considerado um dos períodos mais férteis da sua produção. “Para Tia Rose”, “No Túmulo de Apollinaire”, “Morte à Orelha de Van Gogh!” e o começo de “Kaddish” são dessa época. “Kaddish e Outros Poemas”, continuação de “Uivo e Outros Poemas”, foi publicado em 1961 e o poema principal da coletânea, “Kaddish”, é considerado a sua obra-prima por muitos comentaristas, ultrapassando inclusive o famoso “Uivo”.

A partir de 1960, o artista intensificou o uso de alucinógenos com o intuito de ampliar sua percepção e sua sensibilidade poética¹⁷. Ele tomou uma combinação de morfina e meta-anfetamina ao escrever partes de “Kaddish” e neste mesmo ano chegou a viajar para o Peru só para tomar Aiauasca, um alucinógeno natural encontrado na região. Tantos excessos resultaram em uma crise entre 1961 e 1962, quando se sentiu com a inspiração poética esgotada e com a saúde debilitada.

¹⁷ COOK (1971, p. 107) confirma esta idéia de Ginsberg: “The way was clear to him then – more drugs, more visions, striving for direct, mystical experience of the greater reality, and then recording these higher states, these super-realities in poetry directly as perceived. And this is roughly what he did.”

A fim de superar a crise, Ginsberg resolveu fazer uma viagem ainda mais longa, de 1962 a 63, para o Oriente. Ele visitou o Japão e o Vietnã e morou por mais de um ano na Índia. O poeta judeu, que sempre tivera afinidade com as filosofias orientais, teve a oportunidade de ter contato direto com diversas ramificações do Budismo (principalmente o Zen-Budismo), do Bramanismo e do Lamaísmo, inclusive com diálogos e meditações com Gurus e Saddhus. Tal contato direto e o convívio com Snyder, Kerouac e Whalen, que já praticavam tais doutrinas, acabaram resultando na sua conversão ao Budismo.

Nessa passagem pelo Oriente Ginsberg escreveu um diário, o “Indian Journals”, no qual relatou suas experiências e estabeleceu lúcidas e sérias reflexões sobre a criação poética, concluindo que o objeto da poesia moderna é sua própria matéria, ou seja, a linguagem:

A poesia do século XX, assim como todas as artes e ciências, dedica-se ao exame-experimentação do próprio material do qual é feita... A própria linguagem é a matéria prima. Assim, o próximo passo é: como escrever poesia sobre poesia (não como tema objetivo e abstrato à maneira de Robert Duncan ou de Pound) – mas empregando um método radical que elimine o tema (apud WILLER in GINSBERG, 1984, pp. 23-24).

Ginsberg criou então uma fórmula para a criação de uma poesia voltada para a linguagem através da eliminação do tema, reunindo a composição no vazio e a quebra de sintaxe de Stein, a associação livre de Kerouac e do Surrealismo, a colagem (o conhecido “cut-up”) de Burroughs, o trabalho com sons dos mantras tibetanos e o fluxo de consciência.

Esta reflexão sobre a poesia moderna, somada ao contato com as filosofias orientais e ao uso de alucinógenos, que não foi interrompido durante sua experiência no Oriente, o impulsionaram para uma nova fase produtiva. O poema “The Change: Kyoto-Tokyo Express” (“A Mudança: Expresso de Kioto a Tóquio”) é dessa fase, mais precisamente de 1963. Este poema, apesar de longo, possui versos curtos, caracterizado pela unidade e pela continuidade, ao contrário da maior parte de seus poemas anteriores, dentre os quais “Uivo” e “Kaddish”. Segundo Willer (in GINSBERG, 1984, p. 25), “*The Change* marca uma etapa na superação de divisões e contradições”. Neste momento Ginsberg retoma alguns temas de seus poemas escritos sob efeito de

alucinógenos do período de 1959/60, como a morte e a precariedade do corpo e da condição humana.

Ao retornar aos EUA, o poeta intensificou sua atuação política, participando como animador e líder em muitas manifestações, dentre as quais se encontram as seguintes: passeata contra a intervenção americana no Vietnã em 1965 em Berkeley; manifestações do “Flower Power”, ideologia pacifista por uma sociedade não competitiva e militarizada; o “Human Be-in” de 1967 em São Francisco; a marcha sobre o Pentágono (circunstância na qual leu seu poema “Pentagon Exorcism” e fez uma performance pretendo fazer levitar o QG do militarismo); o violento confronto com a polícia de Chicago em 1968 (Ginsberg estava na linha de frente da manifestação, junto com Burroughs e Jean Genet, sendo bombardeado com gás lacrimogênio e tendo que comparecer ao processo que ficou conhecido como “Sete de Chicago”, movido contra os organizadores do protesto); o “Yippie Life-Festival” do Lincoln Park, em protesto contra a indicação de Lyndon Johnson como candidato democrata à presidência e apoiando o liberal Gene MacCarthy etc.

Ginsberg possuía de fato uma ampla consciência política e social, devida em boa parte ao contato que teve com a militância comunista de sua mãe Naomi (ele chegou a participar de algumas reuniões do Partido Comunista com ela). A sua forte atuação política não se limitou à euforia contracultural nem tampouco às rebeliões juvenis. Ele realmente foi muito engajado na idéia de uma profunda transformação da sociedade, tendo a participação em manifestações se tornado constante em sua vida. Algumas de suas empreitadas são bastante significativas, como em 1972, quando pesquisou e divulgou a participação da CIA no patrocínio e cobertura do tráfico de drogas no Sudoeste Asiático e visitou os campos de refugiados do Paquistão. Mais tarde ele realizou e publicou mais uma pesquisa, desta vez contra o FBI, que sabotava a imprensa americana alternativa. Em 1978 Ginsberg escreveu seu poema anti-nuclear “Plutonium Ode” e foi mais uma vez detido na manifestação na usina de Rocky Flats, no Colorado, por bloquear os trilhos dos vagões que transportavam plutônio. Em 1982 participou do movimento “Poets for Peace”, tendo assinado em Managua a “Declaração dos Três” com Levtuchenko e Cardenal contra a intervenção americana na América Central. A respeito da atuação política de Ginsberg, vale citar as palavras de Goffman e

Joy (2004, p. 264): “Ginsberg identificava raivosamente a grande autoridade e suas armas – presidentes e bombas atômicas – com a desumanização diária sofrida nas mãos do conservadorismo cruel, antes de desejar amor e felicidade para os opressores.” Com tantos protestos Ginsberg acabou virando objeto de um volumoso dossiê do FBI.

Eis mais um dualismo na vida de Ginsberg: o seu misticismo oriental convivendo lado a lado com a sua intensa atuação política. A princípio tal coexistência parece conflitante, principalmente se considerarmos que algumas destas doutrinas pregam a imobilidade, o dar as costas para o mundo material em busca da transcendência. Algumas seitas chegam a ser muito conservadoras, pregando o autocontrole, a repressão sexual e a distância dos assuntos mundanos. Mas esta não é a concepção mística de Ginsberg, seguindo ele a vertente poética inaugurada por Blake, que propõe uma nova religião, no sentido original da palavra (religar, restabelecer a unidade), oposta a qualquer tipo de religião paternalista, repressora e utilizada como instrumento de dominação. Aliás, Blake foi uma influência bastante presente, tanto na vida como na obra do poeta Beat. De acordo com Willer (in GINSBERG, 1984, p.32), um trecho de “The Marriage of Heaven and Hell” (“O Casamento do Céu e do Inferno”) demonstra bem a ideologia ginsberguiana ao dizer que “o caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria”. Esta é a concepção religiosa de Ginsberg, de um misticismo que liberta, jamais impõe ou reprime, por isso a compatibilidade com a sua luta política. Para ele não há dicotomia entre corpo e mente e o conhecimento reside justamente em conciliar as divisões entre sagrado e profano, entre transcendental e mundano dentre outras. Como foi dito anteriormente, a integração de opostos é uma característica de sua poesia. Segundo Willer (in GINSBERG, 1984, p. 33), Ginsberg foi um poeta plural, “tipicamente pós-moderno, incorporando à sua criação as propostas revolucionárias das vanguardas do nosso século e ao mesmo tempo dando continuidade a uma tradição”. Goffman e Joy (2004, p. 267) concordam a respeito desta peculiaridade: “Ginsberg passou por uma grande variedade de mutações, de herói beat a guru psicodelista e então a líder yippie, antes de chegar a uma mistura genial de budismo e ativismo pacifista.”

Nosso poeta também ficou conhecido por ser um grande divulgador e animador cultural e esta sua atuação se estendeu ao redor do mundo. Em 1964 e 65 viajou por vários países socialistas, como Cuba e a antiga Tchecoslováquia e acabou sendo expulso dos dois. De Cuba acusado de pederasta e maconheiro, e da Tchecoslováquia por ter sido aclamado o “Rei de Maio” por 100.000 pessoas na “Primavera de Praga”. Do começo dos anos 1960 até a sua morte, Ginsberg participou de leituras junto com outros poetas consagrados, como Ievtuchenko, Voznessenski, Alberti, Hans Magnus Ehrzensberger, não só nos EUA, como na Itália, na Alemanha, na Holanda, na antiga Iugoslávia e em diversos outros países

A partir de 1964 Ginsberg também passou a apresentar-se como músico. A motivação teria vindo do seu relacionamento com outros poetas cultores da música, como Pound, Dylan, Ed Sanders e Mick Jagger. Segundo Willer (in GINSBERG, 1984, pp. 29-30), a sua poesia sempre teve algo de musical e a gravação das leituras de “Uivo” e “Kaddish”, nas quais o texto é entoado monocordicamente, “lembram a recitação de um chantre de sinagoga ou a cantoria de uma cerimônia religiosa oriental”. Quando Cassady morreu em 1968, Ginsberg prestou-lhe uma homenagem musicando os “Songs of Innocence and Experience” de Blake. Em 1975 compôs os “First Blues”, que foram apresentados em vários concertos e acabaram sendo gravados em 1983. Pouco antes de sua morte gravou “Ballad of the Skeletons” com um grupo eclético de músicos, que incluía Philip Glass, Lenny Kaye, Mark Ribot e Paul McCartney¹⁸. Dentre as bandas com as quais também se apresentou estão Clash, Gluons, Still Life e Black Hole.

Em 1974 fundou a Escola Jack Kerouac junto com a poeta Anne Waldman. A escola era parte do Naropa Institute, no Colorado, uma universidade alternativa, que incluía no currículo tanto a tradição literária ocidental como a meditação e aspectos teóricos e práticos do Budismo e de outras filosofias orientais.

Mesmo com o reconhecimento e a ampla divulgação de sua obra e de sua figura pública (e até de sua vida particular), Ginsberg jamais se envaideceu pela fama e sempre manteve uma vida simples, como comenta Schumacher (2002):

Somehow celebrity never seemed to faze Ginsberg. He might have once quipped “I want to be known as the most brilliant man in America”, but he spent

¹⁸ O poema rendeu até mesmo um vídeo-clip, filmado pelo premiado diretor Gus Van Sant.

his nearly seventy-one years trying to earn wisdom the way others attempt to acquire wealth; possessions meant little. He lived modestly, buying his clothing in second-hand stores and residing in downscale apartments in New York's East Village. He donated much of his income to the Committee on Poetry, a non-profit organization that he organized to assist struggling artists and writers.

Ginsberg faleceu em 1997 de câncer, aos 70 anos de idade. Sua morte, porém, não resultou na morte de sua obra, que permanece viva, sendo lida e estudada por muitas pessoas ao redor do mundo, além de estar sendo sempre reeditada, como comenta mais uma vez Schumacher (2002):

The life and writings of Allen Ginsberg continue to be of great interest today — long after he succumbed to liver cancer in 1997. Almost all of his books remain in print. Four books of writings and interviews have been posthumously published and new volumes of journals and correspondence are forthcoming. His poems appear regularly in anthologies around the world, and his photographs are constantly recycled in books and magazines. Universities offer Ginsberg and Beat Generation courses.

Diante do ora exposto, percebe-se que Ginsberg está ligado ao aparecimento da Geração Beat nos anos 1950 e à contracultura da década seguinte. No entanto, sua obra as ultrapassa, desenvolvendo novas temáticas e concepções acerca da própria criação poética. Ginsberg tem uma vasta produção, tendo escrito até sua morte sem que a sua poesia perdesse a eloquência e a qualidade, como acontece com muitos escritores na velhice, isto porque Ginsberg, seguindo a ideologia de Blake, jamais recuou diante dos excessos. Poeta considerado maldito no início da carreira (e ainda hoje por aqueles mais moralistas), foi reconhecido e aclamado ainda em vida. Sua obra, em geral, é escrita em primeira pessoa por ser alusiva a acontecimentos reais, havendo uma estreita relação entre poesia e vida, relação esta que já existia em Whitman e nos românticos, mas que foi intensamente reavivada por Ginsberg.

4 “KADDISH”

“Kaddish”¹⁹ é o lamento fúnebre da tradição hebraica cantado no “mishná”, o ritual judaico dedicado aos mortos. Ao menos dez homens adultos devem comparecer ao “mishná” para que o “kaddish” possa ser entoado.

Quando Naomi, a mãe de Ginsberg, faleceu, não havia o número suficiente de pessoas para o lamento. O poeta, que não esteve presente no enterro, resolveu então cantar o seu próprio “Kaddish”.

O poema é, portanto, a adaptação à maneira de Ginsberg de uma tradição fúnebre, com vários trechos que transcrevem a liturgia judaica. Obviamente, o poema é dedicado a Naomi. O poeta realiza uma nova tradição ao tornar a oração pública de morte dos judeus em uma experiência personalizada, particular.

4.1 DA TRADUÇÃO

A análise do poema será realizada com base na tradução²⁰ de Willer²¹ (GINSBERG, 2005). A escolha deve-se ao fato de Willer ser um sério estudioso da obra de Ginsberg e da Geração Beat em geral. Ele manteve contato direto com o poeta ao traduzir seus poemas e demais textos. Assim, sua tradução segue as recomendações do próprio Ginsberg, como se pode verificar na seguinte passagem: “Um procedimento que utilizei, sempre que tivesse função no texto, enriquecendo-o e adequando-se ao ritmo e prosódia, foi a dupla tradução, uma palavra para cada sentido. Isso foi sugerido pelo próprio Ginsberg” (WILLER, 2002).

O tradutor tem a preocupação da fidelidade, tanto em relação ao sentido, como em relação aos recursos estruturais. Um exemplo do citado emprego de duas palavras para sentidos diversos é a alternância das formas pronominais “tu” e “você” para diferenciar o uso solene do coloquial em “Kaddish”:

Na tradução deste poema, assim como em outros (*Supermercado na Califórnia, inclusive*), utilizei alternadamente as formas pronominais *tu* e *você*. Embora seja

¹⁹ A oração no original em hebraico, bem como a tradução para o português encontram-se no Anexo 3.

²⁰ Optamos em não trabalhar com o original em inglês para facilitar o acesso a esta pesquisa.

²¹ O tradutor colaborou diretamente neste trabalho através de esclarecimentos a respeito do poema. A correspondência eletrônica trocada com Willer encontra-se no anexo 4.

heresia gramatical, cabe no contexto, já que existe a variação, no original, entre o coloquial (*você*) e o solene (*tu*). Isso, além dos problemas de inteligibilidade que a forma indireta do *você* pode criar (in GINSBERG, 2005, p. 104).

No âmbito dos recursos poéticos, Willer procura manter a sonoridade dos poemas e para tanto reproduz técnicas utilizadas por Ginsberg, como a alternância entre vogais abertas e fechadas ou entre longas e curtas:

Traduzir Ginsberg é enfrentar sua prosódia e ritmo, usando a riqueza sonora da fala americana, nisso baseando-se consideravelmente em Williams. É uma poesia sonora, para ser lida também em voz alta. A métrica tradicional é substituída por recursos rítmicos, tais como o contraste entre vogais abertas e fechadas, longas e curtas... (WILLER, 2002).

Com isso nota-se que o tradutor visa escrever a versão em português o mais próximo possível do original. Quando não é possível manter o sentido e os elementos estéticos ao mesmo tempo, Willer opta pelo aspecto que for mais significativo para o segmento do poema, como ele demonstra na nota a seguir, referente a “Kaddish”: “um tostão, um pão – traduzi a penny a pickle sacrificando a fidelidade e mantendo a aliteração” (in GINSBERG, 2005, p. 105).

Concluindo, o poema “Kaddish” será analisado a partir da tradução de Willer tendo-se em vista a seriedade de sua pesquisa, bem como o seu comprometimento com a qualidade da obra de Allen Ginsberg, buscando a fidelidade semântica e estrutural de seus poemas.

4.2 ANÁLISE ESTRUTURAL DO POEMA

Ginsberg começou a escrever “Kaddish” em 1957, em Paris, e o concluiu em 1959, em Nova Iorque, quando sua identidade poética já estava definida e naturalmente caracterizada pelo desapego às normas formais. Devido a esta característica, o poema não apresenta uma estrutura uniforme.

“Kaddish” é um longo poema dividido em cinco partes. As partes I e II são uma espécie de narrativa acerca dos fatos ocorridos, ou seja, são estas duas primeiras partes que contam a história de Naomi. No final da parte II há um hino exaltando a beatitude divina e da falecida. A parte III é uma espécie de elegia, lamento no qual Ginsberg tenta se lembrar de tudo referente à sua mãe, enquanto que a parte IV, a

litanias ou ladainhas, traz memórias desconexas do poeta. Por fim, a fuga²² na parte V, que consiste na justaposição de pensamentos sobre a morte. As partes do poema serão analisadas mais detalhadamente quando tratarmos de seu conteúdo.

O poema transcende os limites do universo poético com o emprego de versos em geral livres, longos e prosódicos, que imitam a fala coloquial dos americanos, influência advinda de Whitman e de Williams. Segundo o próprio Ginsberg, os versos longos deveriam ser lidos com o folêgo de uma única respiração. Nos versos a seguir é possível observar esta característica:

“Assim, telefonei para o Doutor – ‘OK, leve-a para repousar’ – assim, vesti meu casaco e levei-a rua abaixo – No caminho, um garoto da escola berrou inesperadamente – ‘Para onde vai, senhora, para a Morte?’ Estremeci-

E você tapou o nariz com a gola de pele comida pelas traças, máscaras antigas contra o veneno infiltrado na atmosfera da cidade, espalhado pela Vovó –

E quem seria o motorista da camioneta de queijos, se não um membro da quadrilha? Você teve um sobressalto ao vê-lo, mal podia conduzi-la – para Nova York, Times Square mesmo, pegar outro ônibus da Greyhound-

- e lá ficamos parados umas duas horas combatendo insetos invisíveis e doença judaica – brisa venenosa de Roosevelt –

soltos para pegá-la – e eu acompanhando-a, torcendo para que tudo acabasse bem num quarto sossegado numa casa vitoriana junto a um lago.” (GINSBERG, 2005, pp. 77-78).

Como é possível vislumbrar no trecho acima, os versos mais se assemelham a parágrafos de tão longos que são. Harvey Shapiro (in HYDE, 2002, pp. 86-87) analisa tal característica ginsberguiana:

He has been able to capture a story and a period of American-Jewish life, a fat novel-full, in verse that never slides under the material it has to carry while it keeps the long breath that is his signature and the pure impulse that is his gift... Early in this first section the rhythm is set going in long end-stopped lines that are in fact verse paragraphs.

²² Fuga é um termo emprestado da música utilizado para definir um tratamento de polifonia, no qual há o entrelaçamento de vozes.

O crítico A. Alvarez (in HYDE, 2002, p. 92) também comenta a poesia prosódica de “Kaddish”:

Ginsberg's verse paragraphs - one can't call them lines any more – no longer retain even the ghost of the Whitmanesque thump which once sustained them. His work is now neither verse nor prose; it is the violent emotional shorthand of the analyst's couch, held together by a strong narrative thread.

A presença de enredo e de personagens, e até mesmo o uso do discurso direto, fazem com que o poema se aproxime ainda mais da prosa, como atesta o crítico Louis Simpson (in HYDE, 2002, p. 116): “‘Kaddish’ is a work of art in the Modernist sense, with characters and a plot”. Aliás, o discurso direto permeia todo o poema, como no longo segmento em que Ginsberg reproduz a fala de sua mãe:

“Allen, será que você não entende - é que – desde que enfiaram aquelas três varas grandes nas minhas costas – fizeram qualquer coisa comigo no Hospital, me envenenaram, querem me ver morta – 3 varas grandes, 3 varas grandes –

‘A Puta! Vovó! Semana passada a vi, vestindo calças como um velho, um saco nas costas, subindo no prédio pela janela de tijolos

‘Na escada de emergência, com germes de veneno, para jogar em mim – à noite - talvez Louis a esteja ajudando – está dominado por ela –

‘Eu sou sua mãe, leve-me para Lakewood’ (perto do lugar onde o Graf Zeppelin havia caído, todo Hitler na Explosão) ‘onde eu possa me esconder” (GINSBERG, 2005, pp. 78-79).

No entanto, o poema também possui versos curtos, principalmente na parte IV. Alguns inclusive sugerem um modelo métrico:

“Ó, ‘mãe	2 (2)
o que ‘eu dei xei ‘fo ra	6 (3, 6)
Ó, ‘mãe	2 (2)
o que ‘eu es que ‘ci	6 (3, 6)
Ó, ‘mãe” (GINSBERG, 2005, pp. 101-102)	2 (2)

Estes versos são exceção, eis que na maioria das vezes Ginsberg substitui a métrica tradicional por outros recursos rítmicos, tais como o já mencionado contraste entre vogais abertas e fechadas ou entre vogais longas e curtas. Willer (2002) afirma que esta é outra característica do poeta que ele procura reproduzir na tradução de seus poemas. Observe no fragmento a seguir como o tradutor conseguiu manter a variação entre vogais abertas e fechadas:

“Salta ao meu redor enquanto salto e caminho pela rua, olho para trás, Sétima Avenida, a muralha de prédios de escritórios com suas janelas, acotovelando-se altos sob a nuvem, altos por um momento como o céu – e o céu acima – um velho lugar azul.” (GINSBERG, 2005, p. 72)

O emprego da rima interna também auxilia na produção do ritmo:

“Glorificado Celebrado Exaltado o Nome do Santificado Bendito é Ele!” (GINSBERG, 2005, p. 99).

Outro recurso sonoro amplamente utilizado no poema é a aliteração, como pode ser visto no trecho a seguir, que também apresenta forte investimento nas sibilantes:

“Eles conhecem o caminho – Esses Corcéis – correm mais rápido do que pensamos – é nossa própria vida que eles coruzam – e corregam consigo” (GINSBERG, 2005, p. 76).

A assonância também está presente, porém com uma frequência menor:

“Que o havíamos deixado – Gene estranhamente entrou no exército – ela vivendo fora por sua conta, quase infantil no seu quarto mobiliado...” (GINSBERG, 2005, p. 91).

Para finalizar esta breve análise sonora, resta citar a onomatopéia que imita o som de corvos no final do poema:

“Có²³ có có corvos crocitam no sol branco sobre lápides em Long Island
 Senhor Senhor Senhor Naomi debaixo dessa grama metade da minha vida e
 tão minha quanto sua

Có có seja meu olho sepultado no mesmo Solo onde estou postando como Anjo
 Senhor Senhor grande Olho que mira Tudo e se move numa nuvem negra
 Có có estranho grito de Seres arremessados ao céu sobre árvores ondeantes
 Senhor Senhor Ó, Dominador de gigantes Ultrapassa minha voz num campo
 ilimitado no Sheol

Có có o chamado do Tempo solto do chão e lançado por um momento no
 universo

Senhor Senhor um eco no céu o vento atravessa folhas dilaceradas o troar da
 memória

Có có os anos todos meu nascimento um sonho có có Nova có tudo Visões do
 Senhor

Senhor Senhor Senhor có có có Senhor Senhor Senhor có có có Senhor”
 (GINSBERG, 2005, pp. 103-104).

Muitos versos são cortados, o que torna recorrente o uso do “enjambement” (cavalgamento), recurso poético que consiste na divisão sintática de um período em mais de um verso, o que gera tensão entre a sonoridade e o sentido, possibilitando duas ou mais possibilidades de leitura. O emprego do “enjambement” é bastante nítido no seguinte trecho, onde há a separação entre sujeito em um verso e verbo e complemento em outro:

“De volta e de volta – refrão – dos Hospitais – ainda não escrevi tua história –
 deixá-la abstrata – umas poucas imagens passam pela cabeça – como o coro de

²³ “Caw” no original em inglês.

saxofone das casas e dos anos – lembrança de eletrochoques” (GINSBERG, 2005, p. 77).

Os versos citados também servem para ilustrar dois outros aspectos interessantes em “Kaddish”. Um deles é o emprego de letra maiúscula em palavras que originalmente não seriam grafadas em maiúscula²⁴. Este emprego serve para enfatizar palavras que são importantes no poema, como é o caso de “Hospitais”, escrito com letra maiúscula não apenas porque denota um tipo específico de hospital, que é o hospital psiquiátrico, mas também por ser uma realidade recorrente na vida de Naomi. “Morte”, um dos principais temas do poema, é a palavra que mais aparece grafada com letra maiúscula.

O outro aspecto a ser considerado é o uso de hífen como pontuação. Observe no fragmento a seguir como o hífen estabelece uma nova pontuação:

“Antes da depressão cinzenta – mudou-se para o Estado de Nova York – sarou – Louis tirou uma foto sua de pernas cruzadas na grama – seus longos cabelos com flores – sorrindo – tocando canções de ninar num bambolim – a fumaça das urtigas em colônias de férias de tendências esquerdistas e eu vendo árvores na infância –

ou de novo lecionando, rindo com os idiotas, as turmas mais atrasadas – sua especialidade russa – idiotas de lábios sonhadores, olhos grandes, pés delgados & dedos doentios, recurvados, raquíticos –

cabeças grandes balançando sobre Alice no País das Maravilhas, um quadro negro cheio de GATO” (GINSBERG, 2005, p. 80).

O trecho acima também evidencia a narrativa rápida e por vezes agramatical de Ginsberg. Ao contrário do que se possa imaginar, esta escrita espontânea é rica em detalhes e caracteriza bem as “personagens” e seus sentimentos. Shapiro (in HYDE, 2002, p. 88) confirma este fato:

Ginsberg handles the narration in an ungrammatical shorthand that appears to be a swift notation of basic fact but does in really give you much side detail, characterization, description, affect, literary play (“On what wards – I walked there later, oft – old catatonic ladies”), mimicry (“Roosevelt should know her

²⁴ Este recurso já havia sido introduzido na poesia de Emily Dickinson.

case, she told me”). His ability to recall and re-create this story of breakdowns, hallucinations, and great scandalous scenes is astounding.

A linguagem aplicada é bastante coloquial, imitando o jeito de falar do povo americano, como condiz com os versos longos, quase prosa, que prevalecem no poema. Algumas palavras são repetidas para ressaltar a espontaneidade:

“Assim, telefonei para o Doutor – ‘OK, leve-a para repousar’ – assim, vesti meu casaco e levei-a rua abaixo – No caminho, um garoto da escola berrou inesperadamente – ‘Para onde vai senhora, para a Morte?’ Estremeci –“ (GINSBERG, 2005, p. 77).

A repetição também pode ser verificada na parte mais formal do poema através de anáforas como esta, que se estende por 28 versos:

“com teus olhos de Rússia
 com teus olhos sem dinheiro
 com teus olhos de falsa China
 com teus olhos de tia Elanor
 com teus olhos de Índia faminta
 com teus olhos mijando no parque
 com teus olhos de América em plena queda
 com teus olhos de fracasso ao piano
 com teus olhos de parentes na Califórnia
 com teus olhos de Ma Rainey morrendo numa ambulância...” (GINSBERG, 2005, P. 102)²⁵.

O uso de palavras também é comum, atestando a coloquialidade de “Kaddish”:

“A Puta! Vovó! Semana passada a vi, vestindo calças como um velho, um saco nas costas, subindo no prédio pela parede de tijolos” (GINSBERG, 2005, p. 79);

²⁵ A repetição também se assemelha com o recurso da lista encontrado em Whitman.

“Mais tarde uma avalanche mortal, montanhas de homossexualismo, Matterhorns de caralho, Gran Canyons de cu – pesando na minha cabeça melancólica” (GINSBERG, 2005, p. 81).

Há uma sequência belíssima de metáforas a respeito da morte que ocupa praticamente um verso longo inteiro:

“Decepada pelo alfanje gelado do imbecil Boneco de Neve – e isso na Primavera – que Morte – Afiado gume de gelo na mão – coroado de rosas murchas – um cachorro no lugar dos olhos – uma fábrica de escravos como caralho – coração de ferro elétrico” (GINSBERG, 2005, p. 75).

Willer (in GINSBERG, 2005, p. 105) diz que o próprio Ginsberg, em uma carta, lhe explicara a metáfora, esclarecendo que havia imaginado uma figura surrealista, “um homem da neve e Frankenstein como representação da morte, cujo corpo seria uma colagem como o *sweatshop*, ferro elétrico, cachorro etc.”

“Kaddish” é repleto de alusões a escritores, obras literárias, elementos religiosos, políticos, artistas e demais referências. Para uma compreensão mais completa do poema é necessário o prévio conhecimento ou uma ligeira pesquisa de tais referências. A tradução de Willer auxilia bastante neste aspecto com notas explicativas a respeito das alusões menos conhecidas.

Resumindo, “Kaddish” é um poema que pode ser considerado informal do ponto de vista estrutural, cuja característica mais marcante é o predomínio de versos livres, longos e prosódicos, como se fossem parágrafos. Entretanto, a informalidade não é sinônimo de ausência de recursos técnicos. Trata-se de mais um dualismo na obra de Ginsberg, como a peculiar abordagem coloquial, inclusive com linguagem vulgar, de um tema tão profundo e solene como a morte.

4.3 “KADDISH” NO PÚBLICO E NO PARTICULAR

A primeira parte de “Kaddish” começa com um passeio do eu-lírico²⁶ por Nova Iorque em 1959, ano em que Ginsberg terminou de escrevê-lo. O presente e o passado se misturam, visto que enquanto caminha pelas ruas da cidade em direção a Newark, região onde morava a família Ginsberg, a persona do poema se lembra de sua mãe Naomi, morta três anos antes:

“Estranho pensar em você agora que partiu sem espartilhos & olhos, enquanto percorro o calçamento ensolarado de Greenwich Village na direção do Centro de Manhattan, meio-dia claro de inverno e passei a noite toda acordado, falando, falando, lendo o Kaddish em voz alta, escutando o grito cego dos blues de Ray Charles na vitrola, o ritmo, o ritmo – e tua lembrança na minha cabeça três anos depois - E li em voz alta, sozinho, os triunfantes versos finais de Adonais²⁷ – chorei ao perceber o quanto sofremos...” (GINSBERG, 2005, p. 71).

E assim as lembranças vão desabrochando na memória do eu-lírico. Primeiro vem a recordação da noite anterior, na qual leu o “Kaddish” em homenagem à sua mãe enquanto escutava o som eletrizante de Ray Charles. Trata-se de uma adaptação muito particular do ritual fúnebre judaico, que não fora entoado da maneira tradicional na circunstância da morte de Naomi. A partir deste episódio pessoal, fato registrado na

²⁶ Apesar do explícito conteúdo autobiográfico do poema, não se pode afirmar que a sua persona (eu-lírico) seja Ginsberg. Tecnicamente, deve-se considerar a falácia intencional, que consiste em um erro de interpretação baseado na intenção do autor, que pode perfeitamente “enganar” o leitor sugerindo, por exemplo, que um poema seja biográfico sem o ser. Para maior esclarecimento, observe o conceito de falácia intencional (in www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/falacia_intencional.htm): Erro da crítica literária que apenas aprecia uma obra de arte em função da intenção original do autor que produziu essa obra. A expressão foi divulgada por W. K. Wimsatt e M. C. Beardsley (“The Intentional Fallacy”, 1946, in *The Verbal Icon - Studies in the Meaning of Poetry*, Noonday Press, Nova Iorque, 1964) e nasceu como crítica do New Criticism (de I. A. Richards e T. S. Eliot aos New Critics norte-americanos dos anos 30 e 40) que privilegiara sempre um tipo de abordagem textual que ia ao encontro da intenção autoral ou, por outro lado igualmente falacioso, preferia ir ao encontro da intenção imposta pelo próprio leitor (que no contexto norte-americano se confundia com autoritarismo acadêmico”).

²⁷ Poema de P. B. Shelley em homenagem a John Keats, quando este tinha acabado de morrer em 1821. Segundo Willer, “Adonai” também é “Senhor” em hebraico (in GINSBERG, 2005, p. 105).

biografia de Ginsberg, a persona de “Kaddish” passa para uma reflexão profunda, mais genérica, em relação à morte, chegando à conclusão de que ela é o destino imaginado por todas as religiões, o mistério essencial da vida:

“E o quanto a morte é o lenitivo sonhado, cantado, profetizado por todos os cantores, como no Hino Hebraico ou no Livro Budista das Repostas – e uma folha murcha em minha própria imaginação – ao amanhecer...” (GINSBERG, 2005, p. 71).

Em “Kaddish”, portanto, temos uma grande proximidade entre persona/poeta, uma vez que o poema parte de uma experiência particular, qual seja, a morte de um parente próximo, com todas as conseqüências que este fato traz para sua vida pessoal, como um provável sentimento de remorso²⁸, para articular um sentimento que é inerente à humanidade, ou seja, a consciência coletiva de que a morte é o destino de todos e é por isso que ela é o tema fundamental de todas as religiões, cantado por todos os povos. Após abordar o aspecto público da morte, o eu-lírico volta à sua concepção particular a respeito do assunto, fechando um ciclo que se inicia com sua vida pessoal, vai para a consciência coletiva e volta para sua própria experiência.

Como nos poemas confessionais²⁹, em “Kaddish” os aspectos pessoais do poema formam um microssistema, que tematiza basicamente a vida do poeta Ginsberg e de sua mãe Naomi. Trata-se do nível primário de leitura, ou seja, aquele mais explícito, mais facilmente perceptível quando do confronto com os registros de caráter biográfico. Já os aspectos públicos pertencem ao macrossistema, que desenvolve assuntos relacionados à política, à consciência coletiva e à vida social em geral. Como foi demonstrado no exemplo citado, estes dois sistemas dialogam entre si, num movimento que geralmente parte do microssistema pessoal para o macrossistema

²⁸ Devido a vários motivos, como a sua ausência no enterro de Naomi, o fato de tê-la abandonado sozinha em uma casa de repouso etc.

²⁹ Literatura confessional: “Termo intimamente ligado ao confessionalismo. Refere textos literários, que têm como centro a expressão da intimidade de um indivíduo; em termos discursivos, o texto irradia de um sujeito de enunciação, que se toma a si mesmo como objecto de conhecimento, acabando por actualizar o conhece-te a ti mesmo decorrente da sabedoria antiga e do exame de consciência cristão. Termo que surge, por vezes, em articulação com a autobiografia... A consciência individual é, pois, central na literatura confessional. O estilo das obras costuma ser divagante e emocional (concretizado mais frequentemente na narrativa) visto que o discurso decorre de um entendimento da personalidade como um feixe de contradições e paixões” (in www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/L/literatura_confessional.htm).

coletivo, que engloba aquele anterior, uma vez que cada indivíduo é parte integrante da sociedade. Mike Newberry (in HYDE, 2002, p. 101) sintetiza bem esta relação: “It is not for his mother that he says “Kaddish”... nor to himself alone; but for America, as he sees it, the America of ‘Money! Money! Money! shrieking mad celestial money of illusion! Money of nothing, starvation, suicide! Money of failure! Money of death!’”. Simpson (in HYDE, 2002, p. 116) também reforça esta idéia: “Dickstein is probably right: it would be a mistake to regard Ginsberg as a merely ‘confessional writer like Anne Sexton. Through his poems Ginsberg aimed to render an account of his spiritual development and to be speaking for the multitudes”.

Muitas vezes este movimento do particular para o público acontece de forma sutil. O que aparenta ser uma simples descrição de paisagem talvez não o seja. Por exemplo, ao descrever o percurso do centro de Manhattan para Newark, o poeta faz referência à segregação social e mesmo racial da cidade: o centro repleto de arranha-céus que demonstram o seu poder econômico e daqueles que podem usufruí-lo, e o subúrbio, residência de pobres, em sua grande maioria negros e imigrantes latinos:

“Salta ao meu redor enquanto saio e caminho pela rua, olho para trás, Sétima Avenida, a muralha de prédios de escritórios com suas janelas, acotovelando-se altos sob a nuvem, altos por um momento como o céu – e o céu acima – um velho lugar azul” (GINSBERG, 2005, p. 72);

“... que você conheceu e eu conheci, mas sem preocupar-me agora - Estranho ter passado por Paterson e o Oeste e a Europa e novamente aqui agora com os gritos dos espanhóis nas soleiras das portas, meninos negros e escadas de emergência tão velhas quanto você” (GINSBERG, 2005, pp. 72-73).

A recordação de um simples espetáculo também pode ir bem além da memória, revelando, por exemplo, a opulência capitalista convivendo com o ideal socialista:

“ou Boris Godunov, Chaliapin³⁰ no Met³¹ elevando sua voz de Czar choroso em pé no saguão com Elanor³² & Max³³ – olhando também os capitalistas ocuparem seus lugares na platéia, alvos casacos de pele, diamantes, com os Jovens Socialistas, pegando uma carona pela Pennsylvania, bojudas calças pretas de ginástica, fotografias de 4 garotas, cada qual com as mãos na cintura da outra, olhar risonho, tão recatadas, solidão virginal de 1920, todas essas meninas envelheceram ou já morreram, e suas longas cabeleiras no túmulo – felizes ao arranjam maridos mais tarde – Você conseguiu – e eu também cheguei! – Meu irmão Eugene antes...” (GINSBERG, 2005, p. 74).

No trecho acima ainda é possível perceber o papel desempenhado pela mulher na época, cujo maior objetivo a ser atingido era encontrar um bom marido – o que nos remete à segregação de gênero que iria ser incisivamente discutida na década de 1960. Após esta análise, o eu-lírico volta para o universo particular. O fato de sua mãe, uma mulher politicamente ativa, à frente de seu tempo, também ter ido em busca de tal objetivo (“Você conseguiu”) reforça a realidade opressora na qual viviam as mulheres. Aqui, mais uma vez, um ciclo se fecha: da memória do teatro (microsistema) para o cenário sócio-político (macrossistema), e deste para a vida de sua mãe (microsistema).

Nesta primeira parte já é possível observar um dos aspectos biográficos centrais do poema, que é a concepção política comunista de Naomi, um dos principais responsáveis por sua mania de perseguição, haja vista a atuação macarthista contra as atividades rotuladas de anti-americanas:

“Todas as acumulações da vida que nos consomem – relógios, corpos, consciência, sapatos, seios – filhos paridos – seu Comunismo – ‘paranóia’ nos hospitais” (GINSBERG, 2005, p. 75).

³⁰ Cantor lírico, considerado o maior baixo-cantante do século XX, intérprete de “Boris Godunov” de Mussorgski.

³¹ “Metropolitan Opera Theater”.

³² Tia de Ginsberg, irmã de Naomi.

³³ Marido de tia Elanor.

Antes de passarmos para a segunda parte do poema, vale a pena considerar um trecho que, ao demonstrar o fracasso do tio Max, que trabalha horas sem atingir o sucesso, demonstra também o fracasso do sonho americano e que a fórmula do “American Way of Life” não funciona para todos, ou seja, nem todo mundo que trabalha duro fica rico:

“Max padece sozinho num escritório no Baixo Broadway, solitários bigodões sobre relatórios de Contabilidade a noite toda, algo assim. Sua vida passa – como é que ele a vê – e do que duvida agora? Ainda sonhando com ganhar dinheiro ou que poderia ter ganho dinheiro, contratado babá, tido filhos, até mesmo ter achado tua Imortalidade, Naomi?” (GINSBERG, 2005, pp. 75-76).

O assunto foi bastante discutido na época por diversos escritores³⁴ e demais artistas. O famoso poema “América” de Ginsberg começa com este questionamento a respeito da validade do sonho americano: “América eu te dei tudo e agora não sou nada” (GINSBERG, 2005, p. 58). Outro poema seu que tematiza a questão é “Um supermercado na Califórnia”, no qual Ginsberg se remete a Whitman, demonstrando que o sonho do poeta a respeito da formação da identidade americana não se concretizou. Se se concretizou, a identidade formada é aquela caracterizada pelo consumismo e pela superficialidade de seus valores. O país atingiu a prosperidade cantada pelo velho poeta, porém pautada em uma ideologia que, para Ginsberg, não era a aspirada por ele. O tio Max, portanto, não é apenas o tio Max, mas a representação das diversas pessoas que não fazem parte deste sonho, muitas das quais, como é o caso do tio Max, continuam sonhando, devido à força de tal ideologia.

Se na primeira parte de “Kaddish” o presente se intercala com o passado conforme as lembranças vão surgindo na memória do poeta, na segunda parte³⁵, a mais longa do poema, está concentrada a biografia de Naomi. Aqui, o foco é a sua

³⁴ Uma década antes, em 1949, o dramaturgo Arthur Miller escreveu sua obra-prima “The Death of a Salesman” (“A Morte do Caixeiro Viajante”), que tematiza a falácia do sonho americano, representada pela personagem Willy Loman, que trabalhou duro durante toda a sua vida, porém sem nunca atingir aquilo que mais desejava: o sucesso.

³⁵ Segundo Willer (in GINSBERG, 2005, p. 15), Ginsberg teria escrito a segunda parte do poema em 40 horas consecutivas, sob o efeito de uma mistura de morfina e metaanfetamina. Depois ela teria sido reelaborada e enxugada, inclusive a partir de sugestões de Ferlinguetti.

doença, suas causas e conseqüências. As duas partes somadas formam a “narrativa”, assim chamada justamente por contar a história da mãe de Ginsberg em versos longos e prosódicos.

A história de Naomi é então contada a partir de episódios entrelaçados com fatos públicos. Por exemplo, o poeta narra a viagem que fez quando tinha apenas 12 anos para levá-la até a clínica de repouso do Dr. Whatzis em Lakewood, Nova Jersey, se lembrando tanto das crises de sua mãe, como da paisagem de guerra que viu pelo caminho. Enquanto aguardavam o ônibus, Naomi suspeitava de que o ar estivesse contaminado contra judeus. Observe como logo em seguida Ginsberg relaciona, ou quem sabe até fundamenta, a histeria de sua mãe com a Segunda Guerra Mundial:

“- e lá ficamos parados umas duas horas combatendo insetos e doença judaica – brisa venenosa de Roosevelt –

soltos para pegá-la – e eu acompanhando-a, torcendo para que tudo acabasse bem num quarto sossegado numa casa vitoriana junto ao lago.

3 horas de viagem por túneis passando por toda a indústria americana, Bayonne preparando-se para a Segunda Guerra Mundial, tanques, refinarias, fábricas de soda, refeitórios, rotundas fortificadas das locomotivas – até os pinheirais de índios de Nova Jersey – cidades tranqüilas – longas estradas por bosques arenosos...” (GINSBERG, 2005, p. 78).

Naomi sofria de sérios distúrbios mentais, uma verdadeira patologia. Mas será que esta patologia não se agravou devido ao contexto social no qual viveu? Esta pergunta talvez explique o diálogo constante entre a vida particular e o ambiente público, sócio-político da época. O fato de ser judeu e vivenciar todo o horror da Segunda Guerra Mundial, ainda que em um país aliado contra o nazi-fascismo, pode perfeitamente abalar ainda mais a saúde mental de uma pessoa que já sofre com alterações nessa área, bem como ser comunista em plena América no período do macarthismo. Esta era a situação da mãe de Ginsberg, sua vida e seu tempo. Não teria o público interferido no já frágil equilíbrio psicológico de Naomi? E não será por causa desta interferência que Ginsberg canta o hino dos mortos para sua mãe, não apenas

contando sua vida particular, mas também denunciando o aparato público no qual ela se apóia? Hyde (2002, p. 3) comenta esta estreita relação:

As for those essays that comment directly on the context of Ginsberg's poetry, many are best seen as attempts to differentiate and describe the relationship between the public and the private portions of his voice. Does his "Kaddish" bespeak a son's grief at his mother's death, or is it a Jew's grief after the Second World War, or is it both?

M. L. Rosenthal (in HYDE, 2002, p. 111) explica mais detalhadamente a atuação do contexto social na vida de Naomi:

Whatever that first reason was, the paranoia progressed and, under the influence of the rise of Hitler and the internal, passionate struggles within the Communist movement, took the form of a suspicion she was surrounded by spies and poisoners... Clearly, Naomi's unstable personality found the pressures of the 1930s undearable. Acutely conscious of Hitler terror and of the ravages of fascism in Europe generally – far more so than the majority of Americans, who were not sensitive to these developments until late in the game - she lived under tensions that were alien to far more sophisticated people. In addition, there were the hysterical obsessions with "Trotskyism" and with the Russian spy trials of the Communist movement. Superimposed on the early sexual and other causes that Ginsberg hints at knowingly, and that were doubtless the true ultimate source of her difficulties, these political pressures had a reality that should not be discounted.

Muitos são os episódios nos quais Naomi tem crises devido ao medo da perseguição nazi-fascista:

"Iria ela esconder-se no quarto para descer alegremente na hora do café? Ou trancaria a porta para espreitar pela janela procurando espiões nas esquinas? Escutando o invisível gás Hitleriano pelo buraco da fechadura? Sonhando numa poltrona – ou divertindo-se às minhas custas – diante de um espelho, só?" (GINSBERG, 2005, p.80);

"O telefone tocou às duas da madrugada – Emergência – ficou louca – Naomi escondendo-se debaixo da cama gritando por causa dos percevejos de Mussolini – Socorro! Louis³⁶! Buba³⁷! Fascistas! Morte! – a dona da pensão aterrorizada – o empregado bicha velha gritando com ela" (GINSBERG, 2005, p. 82);

³⁶ Pai de Ginsberg e marido de Naomi, de quem ela suspeitava ser um espião.

³⁷ "Vovó" em russo, segundo Willer (in GINSBERG, 2005, p. 105). Trata-se da mãe de Louis, também considerada uma espiã por Naomi.

“Na sua cabeça – Roosevelt devia saber do seu caso, contou-me – com medo de matá-la, agora que o governo conhecia seus nomes, rastreados até Hitler – queria deixar a casa de Louis para sempre” (GINSBERG, 2005, p. 87);

“Ou um repelão-Não no seu corpo, repugnância – algum pensamento de Buchenwald³⁸ – alguma insulina passando por sua cabeça – um sobressalto nervoso de careta do Involuntário – (como o estremecimento quando mijó) – má química da sua córtex – ‘Não, não pense nisso. Ele é um rato’” (GINSBERG, 2005, p. 89);

“Eu lhe disse, Veja todas essas lutas e matanças acontecendo por aqui, O que há? Por que não dá um jeito nisso?” (GINSBERG, 2005, p. 89);

“Mas então ficou meio doida – Hitler no seu quarto, via seu bigode no lavabo – agora com medo do Dr. Isaac, desconfiando que ele estivesse na conspiração de Newark – mudou-se para Bronx e foi viver junto ao Coração Reumático de Elanor” (GINSBERG, 2005, p. 91);

“Eu socando aquela cabeça que via Rádios, Varas, Hitlers – a escala completa das alucinações – de verdade – seu próprio universo – nenhuma estrada levando a outro lugar – nem ao meu – nenhuma América, nem mesmo um mundo” (GINSBERG, 2005, p. 94).

Muitas outras alucinações de Naomi são causadas devido à sua concepção política comunista que, devido ao já comentado contexto desfavorável do macarthismo, a leva a se sentir vigiada e ameaçada de morte:

“A chegada dos inimigos – quais venenos? Gravadores? FBI? Zdanov³⁹ escondido atrás do balcão? Trotsky criando bacilo de rato no fundo da loja?...” (GINSBERG, 2005, p. 83);

“Eis que alguns anos mais tarde ela voltou de novo para casa – havíamos antecipado e planejado muita coisa – eu esperava por aquele dia – minha Mãe de novo para cozinhar & - tocar piano – cantar ao bandolim – Ensopado de Bofe, & Stenka

³⁸ Campo de concentração nazista.

³⁹ Ministro soviético da cultura na época do estalinismo.

Razin⁴⁰, & a linha comunista na guerra com a Finlândia – e Louis endividado – suspeita de ser dinheiro envenenado – capitalismo misterioso” (GINSBERG, 2005, p. 86);

“Ah, Avenida Rochambeau – Playground de Fantasmas – último prédio de apartamentos para espões no Bronx – último lar para Elanor ou Naomi, foi aqui que essas duas irmãs comunistas perderam sua revolução” (GINSBERG, 2005, p. 95).

É interessante observar ainda a exaltação que o eu-lírico faz da beleza física e moral de sua mãe, certamente distante dos valores e do ideal de beleza americanos:

“Ó rosto de russa, mulher na grama, teu comprido cabelo negro será coroado de flores, o bandedolim nos teus joelhos –

Beleza Comunista, sentada aqui desposada do verso entre margaridas, felicidade prometida ao alcance da mão” (GINSBERG, 2005, p. 96).

Não é apenas a vida da frágil comunista que a persona do poema relata. Além de denunciar a perseguição política que contribui para piorar o estado de saúde dela, o eu-lírico também demonstra como era a vida dos comunistas em geral, revelando mais uma forma de segregação social:

“ou de novo lecionando, rindo com os idiotas, as turmas mais atrasadas – sua especialidade russa – idiotas de lábios sonhadores, olhos grandes, pés delgados & dedos doentios, recurvados, raquíticos –

cabeças grandes balançando sobre Alice no País das Maravilhas, um quadro negro cheio de GATO.

Naomi lendo, pacientemente, histórias tiradas de um livro de contos de fadas comunistas – História da Súbita Doçura do Ditador – Clemência dos Bruxos – Exércitos beijando-se...” (GINSBERG, 2005, p. 80);

“Cemitério de Woodlawn do outro lado da rua, amplo campo de tumbas onde Poe certa vez – última parada do metrô de Bronx – monte de comunistas naquela zona” (GINSBERG, 2005, p. 92).

⁴⁰ Herói nacional russo, rebelde cossaco torturado e executado em 1671.

As questões políticas do nazi-fascismo e da fomentação da Guerra Fria são as mais recorrentes no poema, posto a sua interação direta com a vida de Naomi, contada nesta segunda parte. Porém, “Kaddish” tematiza ainda outros assuntos relacionados à esfera pública, estejam eles diretamente relacionados com as “personagens” do poema ou não.

Assim como o tio Max na primeira parte do poema, Eugene, o irmão mais velho de Ginsberg, representa o sonho americano, estudando e trabalhando sério em busca do sucesso:

“Ele longe, refugiado num elevador da Biblioteca de Newark, sua garrafa diária de leite no peitoril da janela do apartamento mobiliado por 5 dólares a semana no Centro dos trilhos do bonde –

Ele trabalhava 5 horas por dia a 20 dólares/semana – durante os anos da Faculdade de Direito – permaneceu só e inocente perto dos prostíbulos negros” (GINSBERG, 2005, pp. 84-85);

“assim partiu sua vida em duas e entrou em Direito – manuais azuis realmente grandões e conduzindo o velho elevador a 13 milhas de distância em Newark e estudou para valer para o futuro” (GINSBERG, 2005, p. 86);

“Eugene saiu do Exército e voltou para casa, mudado e solitário – cortou fora o nariz na operação judaica – durante anos abordando garotas na Broadway oferecendo-lhes cafezinhos para transar com elas – Entrou na Universidade de Nova York, a sério, para terminar Direito” (GINSBERG, 2005, p. 91).

Porém, a experiência particular de Eugene, bem como a do tio Max, confirma o fracasso desta ideologia tão massivamente propagada pelo governo americano, visto que apesar de todo o seu esforço, Eugene não aparenta ter alcançado uma carreira brilhante como pretendia:

“... Eugene sonhando, escondendo-se na rua 125, movendo ações contra negros para fazê-los pagarem mobília de segunda mão, defendendo garotas negras” (GINSBERG, 2005, p. 94).

Neste exemplo, mais uma vez o poeta parte do microsistema pessoal para questionar o macrosistema público que o sustenta. A exemplo do tio Max, Eugene, mesmo fracassado, continua sonhando com um futuro promissor, haja vista a força com que esta ideologia opera na mente das pessoas, impedindo-as, de certo modo, de encarar a realidade.

Diretamente associado ao sonho americano está o “American way of life”, o estilo de vida dos americanos, caracterizado pelo consumo exacerbado. Ginsberg revela todo o consumismo desta sociedade quando a persona do poema relata a sua mãe lendo uma revista repleta de anúncios publicitários. O que aparenta ser um ato banal, uma simples leitura de entretenimento, na verdade revela uma essência cultural:

“Olhando as fotos dos bebês nus nas revistas – anúncios de talco para nenê, papinha de cenoura espremida com carne – ‘Não pensarei em nada a não ser pensamentos belos” (GINSBERG, 2005, p. 89).

A crítica ao “American way of life” é recorrente na obra de Ginsberg, e é o tema central do já citado poema “Um supermercado na Califórnia”, que explicita o consumismo da sociedade americana ao relatar um mercado repleto de famílias inteiras fazendo compras à noite. O neón da fachada do supermercado é uma metáfora da América, que se transformou em um verdadeiro anúncio ou letreiro chamando a população para as compras:

“Em meu cansaço faminto, fazendo o shopping das imagens, entrei no supermercado das frutas de neón sonhando com tuas enumerações⁴¹

“Que pêssegos e que penumbras! Famílias inteiras fazendo suas compras à noite! Corredores cheios de maridos! Esposas entre os abacates, bebês nos tomates! – e você, Garcia Lorca⁴², o que fazia lá, no meio das melancias?” (GINSBERG, 2005, p. 49).

⁴¹ Alusão a Whitman.

⁴² Até mesmo a literatura se tornou uma mercadoria em uma estante de livros, produtos equivalentes a melancias, por exemplo.

Outro ponto tematizado no poema é o homossexualismo. O eu-lírico revela sua paixão por um tal “R” e a importância que este fato teve em sua vida:

“Fui para a cama exausto, querendo largar o mundo (provavelmente de novo apaixonado por R aquele ano – meu herói do colégio na minha mente, garoto judeu que mais tarde se tornou médico, então um garoto quieto e fino-

Eu mais tarde dando a vida por ele, mudei-me para Manhattan – segui-o na Faculdade – Rezei na balsa prometendo ajudar a humanidade se entrasse – prometi, o dia que fiz o vestibular –

que seria honesto revolucionário advogado trabalhista – me prepararia para isso – inspirado em Sacco Vanzetti, Norman Thomas, Debs, Altgeld, Sanburg, Poe – Brochuras Azuis. Pretendia ser Presidente ou então Senador⁴³” (GINSBERG, 2005, p. 81).

Narrada a sua experiência particular, a persona do poema sai da esfera pessoal e vai para o domínio público ao apresentar a reação de “R” ao seu amor, que representa a reação da sociedade em geral em relação ao homossexualismo:

“promessa ingênua – depois sonhos de prosternar-me diante dos joelhos escandalizados de R declarando meu amor em 1941 – Que doçura haveria ele de me mostrar, pois, a mim que tanto o desejara e tanto me desesperara – primeiro amor – um choque” (GINSBERG, 2005, p. 81).

“Escandalizados” e “choque” são palavras que definem bem o sentimento coletivo sobre o assunto. Mesmo com a reação contrária da grande maioria das pessoas, o eu-lírico não procurou mudar e manteve sua opção sexual:

⁴³ Observe como o próprio eu-lírico do poema, persona rebelde e avessa às convenções culturais, se deixa influenciar pelo sonho americano em um momento no qual promete se tornar um cidadão convencional e exemplar.

“Mais tarde uma avalanche mortal, montanhas de homossexualismo, Matterhorns de caralho, Grand Canyons de cu – pesando na minha cabeça melancólica” (GINSBERG, 2005, p. 81).

E assim o diálogo entre o público e o privado permeia toda a linha central do poema, que é a biografia de Naomi. Enquanto os trágicos episódios de sua vida vão sendo narrados, associações com elementos sociais vão sendo estabelecidas.

No final da segunda parte o eu-lírico faz menção à mensagem deixada por sua mãe em uma carta. Trata-se de um conselho que Naomi faz a seu filho no final de sua existência. Ela, que foi uma pessoa completamente atípica aos padrões da sociedade, deixa para o eu-lírico a orientação de se tornar uma pessoa convencional, adepta aos valores e aos costumes sociais dominantes:

“Estranhas profecias, de novo! Ela escreveu – ‘A chave está na janela, a chave está na luz do sol na janela – Eu tenho a chave – Case-se Allen não tome drogas – a chave está entre as barras, na luz do sol na janela” (GINSBERG, 2005, p. 99).

De acordo com com uma resenha de Mary Stands (2000) a respeito do artigo “Strange Prophecies Anew: Rethinking the Politics of Matter and Spirit in Ginsberg’s ‘Kaddish’” de Tony Trigilio, a mensagem reforça o tom profético do poema, influência advinda de Blake, sendo a maternidade, aqui representada por Naomi, uma fonte de visão:

So, it's no surprise that Trigilio's article studies the prophetic nature of Kaddish. It's also a prayer poem that marks a paradigm shift in the poet's Blake-ish doom and apocalyptic writing to an enlightened style with more visionary language... in Kaddish, by contrast, Ginsberg constructs maternity as a source of vision, an influence that precedes and sustains the prophetic language.

Stands prossegue explicando que a chave na janela seria o indicativo da necessidade de uma revisão constante do mundo e de si mesmo, formando novas idéias e concepções, criando assim possibilidades e evitando a estagnação da visão: “The ‘key’ response to the lock of monovocality is a prophetic language dependent on both ambivalence and the ironic containment of ambivalence. Endless revision is the ‘key... in the window’” (TRIGILIO apud STANDS, 2000).

A pesquisa de Trigilio estuda o poema a partir de um outro dualismo, que é a relação entre o âmbito material, relacionado com as questões sócio-políticas (o que equivale ao nosso macrossistema público) e o âmbito religioso, caracterizado pelo tom profético e pela espiritualidade: “Ginsberg’s Kaddish as it revives questions of religious and political authority in poetic prophecy” (STANDS, 2000). Este é apenas um exemplo de como são constantes os dualismos na obra de Ginsberg e de como é possível ler seus poemas, inclusive “Kaddish”, a partir de várias perspectivas.

Antes de encerrar a análise da segunda parte do poema, resta considerar seu adendo. Trata-se de um “hino”⁴⁴, no qual o eu-lírico enaltece, ao mesmo tempo, a beatitude divina e de sua mãe:

“No mundo que Ele criou de acordo com sua vontade Bendito Louvado
Glorificado Celebrado Exaltado o Nome do Santificado Bendito é Ele!” (GINSBERG,
2005, p. 99);

“Bendita seja você Naomi nos Hospitais! Bendita seja você Naomi na solidão! Bendito
seja o teu triunfo! Benditas sejam tuas grades! Bendita seja a solidão dos teus
últimos anos” (GINSBERG 2005, p. 100).

Segundo Shapiro (in HYDE, 2002, p. 87), a fusão entre a exaltação divina e de Naomi é a estratégia essencial do poema:

The section concludes with a lyric based on echoes of the sound of the Hebrew prayer (“Magnificent, mourned no more, marred of heart...”) in which the exaltation of God’s name and the exaltation of the woman’s insane life and death are fused – the essential strategy of the poem.

O eu-lírico ainda relaciona a beatitude divina com questões mundanas, muitas das quais são consideradas heresia pelas doutrinas mais tradicionais, como é o caso

⁴⁴ Hino: “Canção de tema religioso, militar, ou histórico, destinada a fazer o louvor de uma figura importante na história das religiões, de uma divindade, de um herói nacional, de um povo sublime, de uma nação valorosa, de um gesto único de nobreza, ou de qualquer acontecimento que tenha marcado uma civilização ou uma comunidade... A Idade Média latina cultivou largamente o hino de caráter litúrgico” (in www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/H/hino.htm).

do homossexualismo, até hoje condenado pela Igreja Católica⁴⁵. Esta mistura entre o divino e o profano, entre o belo e o horror revela a peculiaridade de sua concepção religiosa e de seu “Kaddish”⁴⁶:

“Na casa de Newark Bendito é Ele! Na casa dos loucos Bendito é Ele! Na casa da morte Bendito é Ele!
Bendito seja Ele na homossexualidade! Bendito seja Ele na Paranóia! Bendito seja Ele na cidade! Bendito seja Ele no Livro!” (GINSBERG, 2005, p. 99).

No final do hino há um breve louvor à morte que, para o eu-lírico, representa não apenas o fim de todo o sofrimento de Naomi, mas também o de todas as pessoas:

“Bendita seja tu Naomi na Morte! Bendita seja a morte! Bendita seja a Morte!
Bendito seja Ele Quem leva todo sofrimento para o céu! Bendito seja Ele no final!
Bendito seja Ele que constrói o Céu na escuridão! Bendito Bendito Bendito seja Ele!
Bendito seja Ele! Bendita seja a Morte de Todos Nós!” (GINSBERG, 2005, p. 100).

A terceira parte do poema é um “lamento”, através do qual a persona do poema procura manter viva a memória de sua mãe. Aqui mais uma vez as memórias de Naomi aparecem associadas ao universo público, como ocorre com a alusão à Segunda Guerra Mundial:

⁴⁵ O poema foi criticado inclusive por vários representantes judeus, que o consideraram uma adaptação desrespeitosa e despida de valores espirituais, como é o caso de Mortimer J. Cohen (in HYDE, 2002, p. 101): “Speak the word Kaddish to any Jew – of high or low degree on the intellectual scale – and it bears a definitive meaning. It is the hymn of praise to God for the gift of life; it is the assertion of faith in God as a God of love and justice; and all this despite Death in whose presence all man and his works seem so futile and transient... But in Ginsberg’s “Kaddish” – powerful as the poem and deeply moving as its many passages are – there is a total absence of any spiritual quality that in the slightest way warrants the use of the word Kaddish”.

⁴⁶ Willer (in GINSBERG, 2005, p. 15) também salienta esta peculiaridade: “Vários trechos transcrevem a liturgia judaica, porém dessacralizando-a, tornando-a parte de uma mística pessoal, como no final. Há, nesse poema, uma tensão entre três códigos: as descrições em linguagem fluente e informal, os trechos solenes e eloquentes, e os toques de ironia, contrastando com a solenidade e piedade”.

“Só por ter conhecido suas idéias malucas de Hitler na porta, os fios na sua cabeça, as três grandes varas marretadas nas suas costas, as vozes do forro berrando por causa das suas feias trepadas cedo por 30 anos, só por ter visto os saltos no tempo, a memória apagar-se, o troar das guerras, o rugido e o silêncio de um imenso choque elétrico” (GINSBERG, 2005, p. 100).

No final desta parte a mensagem da chave na janela é retomada, realçando mais uma vez o tom profético do poema:

“Mas a chave deveria ser deixada para trás – na janela – a chave na luz do sol – para os vivos – que podem receber essa fatia de luz nas mãos – e abrir a porta – e olhar para trás enxergando a Criação que resplandece de volta ao mesmo túmulo, do tamanho do universo do tamanho do tique-taque do relógio do hospital no arco sobre a porta branca” (GINSBERG, 2005, p. 101).

A “ladainha”⁴⁷ ou “litanias”, a quarta parte do poema, traz lembranças desconexas de Naomi, ora em versos curtos, ora em versos longos. Trata-se da despedida final do eu-lírico. Ainda aqui é possível perceber a relação entre os dois subsistemas através da mistura de elementos de ambos, ou seja, os dados biográficos intercalam-se com aspectos sócio-políticos nesta enumeração desorganizada de lembranças:

“Ó, mãe
adeus com um comprido sapato preto
adeus

⁴⁷ Ladainha: “Oração formada por uma série de invocações e respostas curtas e repetidas... Por via culta, aparece no século XVII a variante *litanias*: ‘Estava armado com as malhas da sua lógica, tão miúdas e intrincadas, que em algumas igrejas se cantava nas litanias.’ (Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, IV, 12, 2, §I, p. 95). Neste sentido trata-se de uma oração ou súplica à Virgem Maria e aos santos, invocando-os pelos nomes e atributos simbólicos, a fim de rogarem a Deus pelos fiéis (in www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/L/ladainha.htm).

com o Partido Comunista e uma meia rasgada...
 adeus com tua barriga flácida
 com teu medo de Hitler...
 com teu queixo de Trotsky e a Guerra Espanhola
 com tua voz cantando pelos trabalhadores arreventados caindo aos pedaços...
 com teus olhos de América em plena queda” (GINSBERG, 2005, p. 102).

Por fim, a quinta e última parte do poema, conhecida como fuga⁴⁸ e que demonstra a justaposição dos pensamentos do eu-lírico diante do túmulo de sua mãe. O som de corvos, símbolo da morte, é adicionado ao já confuso turbilhão de idéias:

“có có os anos todos meu nascimento um sonho có có Nova York o ônibus o sapato
 partido a enorme escola có có tudo Visões do Senhor
 Senhor Senhor Senhor có có có Senhor Senhor Senhor có có có Senhor (GINSBERG,
 2005, p. 104).

De acordo com Trigilio, a repetição de “Senhor” e do som dos corvos indica a destruição da certeza da designação, ou seja, do destino pós-morte: “... the phrases ‘Caw’ and ‘Lord’ appear often in Kaddish admendments, the suffusion of which, Trigilio states, is with ‘shunyata, the annihilation of fixed designation’ (‘Shunyata’ is a concept from Ginsberg’s Buddhist study/practice)” (TRIGILIO apud SANDS, 2000). E é justamente com esta fusão entre o divino e a materialidade aterrorizante que termina o poema, mais um dualismo a ser considerado dentre outros. Será a morte a aspirada elevação espiritual ou tão somente a realidade dos corvos consumindo a matéria restante da existência?

Como foi demonstrado no presente estudo, “Kaddish” é um poema de forte cunho biográfico, que conta a história de Naomi e como foi a relação do jovem Ginsberg com ela. Porém, o poema não pode ser classificado tão somente como biográfico, visto que ele é também um poema político. Ao fazer esta bela, crua e triste homenagem à

⁴⁸ Fuga, como foi dito anteriormente, é um termo emprestado da música utilizado para definir um tratamento de polifonia, no qual há o entrelaçamento de vozes. O termo é bastante adequado para esta parte do poema, onde há o entrelaçamento dos pensamentos do eu-lírico.

sua mãe, o poeta usa dados pessoais, reconhecidos em sua biografia, para articular uma visão mais ampla e, na maioria das vezes, altamente crítica a respeito de aspectos de ordem pública. Trata-se do diálogo entre o microssistema particular e o macrossistema público ou social, que está presente em todo o poema, demonstrando como uma esfera atua na outra. Esta pode ter sido a fórmula encontrada por Ginsberg para denunciar todas as mazelas sócio-políticas que, em boa parte, agravaram a doença de sua sensível mãe. A existência deste diálogo é, ao nosso ver, um dos elementos que mais colabora para incrementar a complexidade e a profundidade de “Kaddish”.

Abaixo segue um trecho da primeira parte do poema que demonstra o constante diálogo entre os universos público e particular. A cor vermelha representa a esfera particular e a azul a pública.

Kaddish, Part I

For Naomi Ginsberg, 1894-1956

Strange now to think of you, gone without corsets & eyes, while I walk on
the sunny pavement of Greenwich Village.
downtown Manhattan, clear winter noon, and I've been up all night, talking,
talking, reading the Kaddish aloud, listening to Ray Charles blues
shout blind on the phonograph
the rhythm the rhythm--and your memory in my head three years after--
And read Adonais' last triumphant stanzas aloud--wept, realizing
how we suffer--
And how Death is that remedy all singers dream of, sing, remember,
prophecy as in the Hebrew Anthem, or the Buddhist Book of An-
swers--and my own imagination of a withered leaf--at dawn--
Dreaming back thru life, Your time--and mine accelerating toward Apoca-
lypse,
the final moment--the flower burning in the Day--and what comes after,
looking back on the mind itself that saw an American city

a flash away, and the great dream of Me or China, or you and a phantom
 Russia, or a crumpled bed that never existed--
 like a poem in the dark--escaped back to Oblivion--
 No more to say, and nothing to weep for but the Beings in the Dream,
 trapped in its disappearance,
 sighing, screaming with it, buying and selling pieces of phantom, worship-
 ping each other,
 worshipping the God included in it all--longing or inevitability?--while it
 lasts, a Vision--anything more?
 It leaps about me, as I go out and walk the street, look back over my shoulder,
 Seventh Avenue, the battlements of window office buildings shoul-
 dering each other high, under a cloud, tall as the sky an instant--and
 the sky above--an old blue place.
 or down the Avenue to the south, to--as I walk toward the Lower East Side
 --where you walked 50 years ago, little girl--from Russia, eating the
 first poisonous tomatoes of America frightened on the dock
 then struggling in the crowds of Orchard Street toward what?--toward
 Newark--
 toward candy store, first home-made sodas of the century, hand-churned ice
 cream in backroom on musty brownfloor boards--
 Toward education marriage nervous breakdown, operation, teaching school,
 and learning to be mad, in a dream--what is this life?
 Toward the Key in the window--and the great Key lays its head of light
 on top of Manhattan, and over the floor, and lays down on the
 sidewalk--in a single vast beam, moving, as I walk down First toward
 the Yiddish Theater--and the place of poverty
 you knew, and I know, but without caring now--Strange to have moved
 thru Paterson, and the West, and Europe and here again,
 with the cries of Spaniards now in the doorstops doors and dark boys on
 he street, firs escapes old as you
 --Tho you're not old now, that's left here with me--

Myself, anyhow, maybe as old as the universe--and I guess that dies with
 us--enough to cancel all that comes--What came is gone forever
 every time--

That's good! That leaves it open for no regret--no fear radiators, lacklove,
 torture even toothache in the end--

Though while it comes it is a lion that eats the soul--and the lamb, the soul,
 in us, alas, offering itself in sacrifice to change's fierce hunger--hair
 and teeth--and the roar of bonepain, skull bare, break rib, rot-skin,
 braintricked Implacability.

Ai! ai! we do worse! We are in a fix! And you're out, Death let you out,
 Death had the Mercy, you're done with your century, done with
 God, done with the path thru it--Done with yourself at last--Pure
 --Back to the Babe dark before your Father, before us all--before the
 world--

There, rest. No more suffering for you. I know where you've gone, it's good.
 No more flowers in the summer fields of New York, no joy now, no more
 fear of Louis,

and no more of his sweetness and glasses, his high school decades, debts,
 loves, frightened telephone calls, conception beds, relatives, hands--

No more of sister Elanor,--she gone before you--we kept it secret you
 killed her--or she killed herself to bear with you--an arthritic heart
 --But Death's killed you both--No matter--

Nor your memory of your mother, 1915 tears in silent movies weeks and
 weeks--forgetting, agrieve watching Marie Dressler address human-
 ity, Chaplin dance in youth,

or Boris Godunov, Chaliapin's at the Met, halling his voice of a weeping Czar
 --by standing room with Elanor & Max--watching also the Capital
 ists take seats in Orchestra, white furs, diamonds,

with the YPSL's hitch-hiking thru Pennsylvania, in black baggy gym skirts
 pants, photograph of 4 girls holding each other round the waste, and
 laughing eye, too coy, virginal solitude of 1920

all girls grown old, or dead now, and that long hair in the grave--lucky to
 have husbands later--

You made it--I came too--Eugene my brother before (still grieving now and
 will gream on to his last stiff hand, as he goes thru his cancer--or kill
 --later perhaps--soon he will think--)

And it's the last moment I remember, which I see them all, thru myself, now
 --tho not you

I didn't foresee what you felt--what more hideous gape of bad mouth came
 first--to you--and were you prepared?

To go where? In that Dark--that--in that God? a radiance? A Lord in the
 Void? Like an eye in the black cloud in a dream? Adonoi at last, with
 you?

Beyond my remembrance! Incapable to guess! Not merely the yellow skull
 in the grave, or a box of worm dust, and a stained ribbon--Deaths-
 head with Halo? can you believe it?

Is it only the sun that shines once for the mind, only the flash of existence,
 than none ever was?

Nothing beyond what we have--what you had--that so pitiful--yet Tri-
 umph,

to have been here, and changed, like a tree, broken, or flower--fed to the
 ground--but made, with its petals, colored, thinking Great Universe,
 shaken, cut in the head, leaf stript, hid in an egg crate hospital, cloth
 wrapped, sore--freaked in the moon brain, Naughtless.

No flower like that flower, which knew itself in the garden, and fought the
 knife--lost

Cut down by an idiot Snowman's icy--even in the Spring--strange ghost
 thought some--Death--Sharp icicle in his hand--crowned with old
 roses--a dog for his eyes--cock of a sweatshop--heart of electric
 irons.

All the accumulations of life, that wear us out--clocks, bodies, consciousness,
 shoes, breasts--begotten sons--your Communism--'Paranoia' into

hospitals.

You once kicked Elanor in the leg, she died of heart failure later. You of stroke. Asleep? within a year, the two of you, sisters in death. Is Elanor happy?

Max grieves alive in an office on Lower Broadway, lone large mustache over midnight Accountings, not sure. His life passes--as he sees--and what does he doubt now? Still dream of making money, or that might have made money, hired nurse, had children, found even your Immortality, Naomi?

I'll see him soon. Now I've got to cut through to talk to you as I didn't when you had a mouth.

Forever. And we're bound for that, Forever like Emily Dickinson's horses --headed to the End.

They know the way--These Steeds--run faster than we think--it's our own life they cross--and take with them.

Magnificent, mourned no more, marred of heart, mind behind, married dreamed, mortal changed--Ass and face done with murder.

In the world, given, flower maddened, made no Utopia, shut under pine, almed in Earth, blamed in Lone, Jehovah, accept.

Nameless, One Faced, Forever beyond me, beginningless, endless, Father in death. Tho I am not there for this Prophecy, I am unmarried, I'm hymnless, I'm Heavenless, headless in blisshood I would still adore

Thee, Heaven, after Death, only One blessed in Nothingness, not light or darkness, Dayless Eternity--

Take this, this Psalm, from me, burst from my hand in a day, some of my Time, now given to Nothing--to praise Thee--But Death

This is the end, the redemption from Wilderness, way for the Wonderer, House sought for All, black handkerchief washed clean by weeping --page beyond Psalm--Last change of mine and Naomi--to God's perfect Darkness--Death, stay thy phantoms!

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho monográfico visou a análise temática do poema “Kaddish”. Para tanto, o poema foi primeiramente localizado no contexto histórico e cultural ao qual pertence, qual seja, os EUA do final da década de 1950, quando o movimento literário de contracultura denominado de Geração Beat já estava consolidado, sendo Ginsberg um de seus principais representantes. A segunda etapa foi a localização do poema na obra do poeta, observando-se que ele foi escrito quando Ginsberg já tinha atingido sua maturidade literária, caracterizada principalmente pela informalidade dos versos livres, longos e prosódicos.

A produção da Geração Beat tem forte cunho biográfico, havendo uma estreita relação entre vida e obra, porém em Ginsberg, considerado o autor mais politizado da geração, o conteúdo biográfico não costuma aparecer sozinho. Isto porque a sua obra, como vimos, é repleta de dualismos, dentre os quais se encontra a coexistência entre os universos privado e público, que também está presente em vários outros autores do pós-guerra. Mesmo sendo uma característica do período literário ao qual pertence, esta coexistência chama mais a atenção em Ginsberg devido à sua recorrência. Assim, em sua poesia encontramos temas relacionados tanto a suas experiências particulares, reconhecidas em sua biografia, quanto a aspectos da vida social, muitas vezes acompanhados de forte crítica política. Alguns poemas são considerados mais confessionais, enquanto que outros são predominantemente políticos.

Em alguns casos este dualismo é fortemente condensado em um único poema, como é o caso de “Kaddish”, que mantém um constante diálogo entre os dois universos. Muitas vezes, uma passagem que aparenta ser meramente a narrativa de fatos passados ou a descrição de determinada pessoa, coisa ou lugar, na verdade revela, indiretamente, todo o aparato sócio-político da época, denunciando-o.

Geralmente o diálogo tem início na esfera privada, com o eu-lírico relatando acontecimento de sua vida e de sua mãe, e depois passa para considerações mais amplas, que tematizam questões de ordem pública e de interesse geral. Assim, em “Kaddish”, a loucura de Naomi, agravada pelo temor das perseguições nazi-fascista e macarthista, é o ponto de partida para a análise e o questionamento de tal estrutura

política. Portanto, o poema opera como um pêndulo, com movimentos de ida e volta que, em regra, vão do microssistema individual para o macrossistema coletivo que o engloba.

Conclui-se com a presente pesquisa que, ao contrário do que uma leitura desatenta pode supor, “Kaddish” não é tão somente um poema (auto)biográfico no qual o eu-lírico conta a sua história e a de Naomi, mas também uma séria problematização política e social; não é apenas um hino de morte hebreu que Ginsberg dedica à sua falecida mãe, mas também uma feroz crítica a diversos valores e instituições. A manutenção deste diálogo ao longo de todo o poema é um dos principais responsáveis por torná-lo tão peculiar e especial, sendo hoje considerado um dos maiores poemas do Pós-Modernismo americano por vários críticos renomados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Thiago. **Confissões, jazz e pé na estrada.** In www.sobrecarga.com.br/node/view/10295, 2006, consulta em 22/08/2008.

BIVAR, Antônio; FROÉS, Leonardo; MUGGIATI, Roberto; WILLER, Cláudio. **Alma Beat. Ensaios sobre a Geração Beat.** Porto Alegre: L&PM Editores, 1984.

BUENO, André; GOÉS, Fred. **O que é Geração Beat.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

CEIA, Carlos. **E-dicionário de termos literários.** In www2.fcsh.unl.pt/edtl, consulta em 16/10/2008.

COOK, Bruce. **The Beat Generation.** New York: Charles Sceibner's Sons, 1971.

GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas.** Tradução, seleção e notas de Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM Editores, 2005.

_____. **Uivo, Kaddish e outros poemas.** Prefácio, seleção, tradução e notas de Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital.** Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HYDE, Lewis. **On the Poetry of Allen Ginsberg.** Michigan: The University of Michigan Press, 2002.

KEROUAC, Jack. **On the road – Pé na estrada.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2006-a.

_____. **Os vagabundos iluminados.** Tradução de Ana Ban. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006-b.

MACCLURE, Michael. **A Nova Visão de Blake aos Beats**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

PACOLA, Gisele. **A influência de Jack Kerouac na transição musical de Bob Dylan em 1965**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007. Monografia disponível in www.ufpr.br

SCHUMACHER, Michael. **Bio**. In www.allenginsberg.org, 2002, consulta em 02/10/2008.

SNYDER, Gary. **Re-habitar – ensaios e poemas**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

STANDS, Mary. **“Strange Prophecies Anew: Rethinking the Politics of Matter and Spirit in Ginsberg’s Kaddish” by Tony Trigilio**. In www.jackmagazine.com/issue7/kaddish.html, 2000, consulta em 13/10/2008.

WILLER, Cláudio. **Geração Beat e contracultura**.

Obs: Trata-se do prefácio da edição de 1999 de “Uivo, Kaddish e outros poemas”, a qual não tivemos acesso DIRETO.

_____. **Ler e traduzir Allen Ginsberg**. In www.revista.agulha.nom.br/ag26ginsberg.htm, 2002, consulta em 22/09/2008.

OBRAS CONSULTADAS:

PEREIRA, Carlos Alberto Messenger. **O que é contracultura**, 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ROSZACK, Theodore. **A contracultura**. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

ANEXOS

ANEXO 1	69
ANEXO 2	88
ANEXO 3	93
ANEXO 4	95

ANEXO 1

Allen Ginsberg's LifeLine⁴⁹

June 3rd, 1926

Allen Ginsberg is born

Newark, New Jersey residents Louis and Naomi Ginsberg give birth to their second son, Irwin Allen Ginsberg. (Brother, Eugene, is 5 years his senior.) Louis Ginsberg is a modestly successful published poet and high school teacher and Jewish democratic Socialist; Naomi is a Communist and irrepressible nudist who becomes tragically insane in early adulthood.

1920s

The Ginsberg children are exposed to poetry

Father Louis routinely recites Dickinson, Shelley, Keats, Poe and Milton to his children during their early childhood at 163 Quitman Street in Newark, New Jersey.

1932

Mother Naomi begins mental decline

Naomi Ginsberg is hospitalized for the first time, leaving father Louis to care for the Ginsberg children alone.

1935

Mother Naomi's mental condition deteriorates

Naomi Ginsberg suffers a series of mental breakdowns, suggesting her illness may be lifelong. Sadly, and with few alternatives, Louis is forced to commit his wife to New Jersey's Greystone State Mental Hospital. Naomi returns home after a year away but continues to suffer bouts of paranoia, believing doctors have put wires in her head and sticks in her back.

June 1937

A young Ginsberg begins to write

Eleven-year-old Allen Ginsberg starts capturing his thoughts in his first personal journal.

June 24th, 1937

Mother Naomi attempts suicide

Naomi Ginsberg is found bleeding after father Louis breaks down the bathroom door and interrupts her suicide attempt. Naomi is returned to Greystone State Mental Hospital for a two-year absence from the family.

March 1938

A precociously early interest in world politics is revealed

A journal entry from eleven-year-old Allen shows his railing against the Nazi movement.

June 27, 1939

Young Ginsberg begins to come of age

Allen graduates from grammar school and begins attending Paterson's Central High where he joins numerous clubs, later becoming the president of the Debating Society.

Mother Naomi returns from Greystone State Mental Hospital shortly thereafter and leads a near-normal life for a brief time.

September 1941

Ginsberg discovers Walt Whitman

⁴⁹ In www.allenginsberg.org

Ginsberg is inspired by his first exposure to Walt Whitman through his teacher, Francis Durbin, after a switch to Paterson's East Side High from Central.

December 1941

Young Allen is further exposed to mother Naomi's mental illness

During a particularly disturbing event for the family, 15-year-old Allen is pulled into his mother's mental illness as she convinces him to drag her by bus throughout rural New Jersey in search of a rest home for her, only to be retrieved the next day by father Louis.

October 1942

Allen's early entry into politics

Brother Eugene's military post in Great Britain leaves Allen with more time to himself, which he decides to spend enlisting as an errand-boy for the popular local labor leader and congressional candidate, Irving Abramson.

June 23, 1943

High school graduation

Allen graduates from Paterson's East Side High School.

September 1943

Allen Ginsberg enters college

Allen begins his education at Columbia University in New York City, originally aiming to become a labor lawyer.

December 1943

Allen meets the first of his lifelong Beat friends

Allen meets Lucien Carr, who soon introduces him to his St. Louis friends, David Kammerer and William S. Burroughs. Lucien chides Allen on his career choice; since he had never worked a day in his life, how could he know what "labor" was.

June 1944

Allen Ginsberg meets Jack Kerouac

Lucien Carr (seeking occasional escape from the unwanted advances of his close friend, David Kammerer) joins his girlfriend, Celeine Young, as she spends time with her friends Edie Parker and her (Edie's) roommate Joan Vollmer. Through Lucien, Allen finally meets Edie's boyfriend, Jack Kerouac, of whom he's been hearing so much.

August 14, 1944

The Kammerer fiasco

Lucien Carr stabs his close friend, David Kammerer, to death. Kerouac and Burroughs are arrested as materiel witnesses. Carr is sentenced to 1-20 years at Elmira Reformatory and released in 1946. The New York Times headline reads: Columbia Student Kills Friend and Sinks Body in Hudson.

January 1945

William Burroughs meets Herbert Huncke

While looking to dispose of some morphine syrettes and a submachine gun, William Burroughs stumbles onto Herbert Huncke, a then-New York street character, petty thief and junkie and later moderately successful internationally known author. Burroughs tries morphine for his first time at this same meeting.

February 1945

Allen begins his first serious writing

An examination of Allen's journal entries from this period reveals his first strong poetic ability.

March 16, 1945

Allen is suspended from Columbia

While in the midst of a row with the housekeeper of his dormitory, Allen scrawls epithets in the dust of his dorm windowsill. His comments "Fuck the Jews" and "Butler (the university president) has no balls" leave him suspended from school and he moves into Joan Vollmer's apartment on West 115th Street.

August 1, 1945

Allen joins the Merchant Marines

Temporarily barred from school, seeking funds and inspired by Jack Kerouac, Allen joins the Military Sea Transportation Service (the Merchant Marine). He graduates from training in November and soon sets off on his first voyage during which he experiments with marijuana for the first time with some Puerto Rican sailors.

September 1946

Allen returns to Columbia

With his suspension completed Allen Ginsberg resumes his education at Columbia University.

December 1946

Allen and Kerouac meet Neal Cassady

Hal Chase (a classmate of Allen and Jack Kerouac's) introduces to the group his friend, Neal Cassady and his wife, LuAnne Henderson upon their arrival from Denver, Colorado. They were originally scheduled to arrive months before for Neal's entrance exam at Columbia.

January 1947

William Burroughs and wife Joan move to Texas

Intending to grow marijuana, William Burroughs and wife Joan (formerly Ms. Vollmer) move to a farm near New Waverly, Texas and are later joined by Herbert Huncke.

March 1947

Neal Cassady leaves New York

Neal Cassady moves to Denver, Colorado.

July 1947

Allen takes his famous trip to Denver and New Waverly, Texas

Grasping at Neal Cassady, Allen visits the object of his unrequited affection in Denver only to find Neal preoccupied with his girlfriend, Caroline Robinson. In his ongoing attempt to hold on to him, Ginsberg invites Cassady to accompany him on a journey to Texas to visit William and Joan Burroughs.

September 1947

Allen ships out with the Merchant Marines

Allen departs the U.S. on the SS John Blair destined for Dakar from a port in Galveston, Texas. The trip terminates in New York in October of the same year.

November 1947

Mother Naomi has a lobotomy

Allen receives a letter from Doctors at Pilgrim State Hospital, where Naomi had been residing, recommending his mother receive a frontal lobotomy. Since Louis had divorced her, the legal responsibility fell to her sons; Allen signs the papers.

July 1948

The "William Blake Vision" experience

Allen experiences Blake vision from his Spanish Harlem apartment. In his words "Blake's voice simultaneous with Eternity-vision." The event influences Allen for the next 15 years.

February 1949

Herbert Huncke moves into Allen's apartment

Despite his repeated refusals, Allen acquiesces and allows Herbert Huncke to move in with him. Huncke is soon joined by Vicki Russell, and Little Jack Melody (an ex-con on parole) who quickly begin stocking the apartment with stolen goods. Ginsberg is unwittingly involved in a burglary ring.

February 1949

Jack Kerouac's writing career begins

Jack Kerouac's Novel *The Town and the City* is accepted by publisher Harcourt Brace.

April 21, 1949

Allen Ginsberg is arrested and institutionalized; meets Carl Solomon

Fearing their discovery by the law (due to his roommates' criminal deeds), Allen decides to relocate his private papers and journals to his brother's home. While traveling in a stolen car full of hot goods, he, Vicki Russell and Little Jack Melody are assailed by the police, the car overturns and Allen is caught and arrested. As a condition of his release Allen agrees to enter Columbia Psychiatric Institute, where he meets Carl Solomon the first day of his stay.

1949

Father Louis remarries

Father Louis take's Edith as his wife.

September 1949

William Burroughs moves to Mexico

Joan Vollmer and William Burroughs move to Mexico City.

September 1949

The word "Beat" enters the lexicon

Jack Kerouac uses the term "beat generation" (earlier tossed about by Herbert Huncke) in a conversation with John Clellon Holmes.

February 27, 1950

Allen's institutionalization ends

Allen Ginsberg's agreed-to hospitalization (resulting from his arrest) ends and he is discharged from Columbia Psychiatric Institute. Allen declares to several close friends his new-found — albeit clearly temporary — heterosexuality.

March 1950

Kerouac work is published

Kerouac's first novel *The Town and the City* is released and is poorly received by critics.

March 1950

William Burroughs begins to write

William Burroughs begins an autobiographical narrative that is later published as *Junky*.

March 30, 1950

Enter William Carlos Williams

On March 28th Allen hears renowned poet William Carlos Williams speak at New York's Guggenheim Museum. Moved and motivated to meet him, Ginsberg nevertheless scurries away, preferring to introduce himself two days later in a letter that would prove to change his life.

March 1950

Allen meets Gregory Corso

Allen meets Gregory Corso at the Pony Stable, a lesbian bar in New York's West Village. The two quickly become close friends.

August 1951

Allen visits William Burroughs in Mexico

Allen and Lucien Carr visit Joan Burroughs in Mexico City, just missing William, who had left for Ecuador with a young friend in search of Yage, a powerful psychedelic drug.

September 6, 1951

William & Joan Burroughs' deadly William Tell skit

William Burroughs fatally shoots his wife, Joan, in the forehead during a drunken "William Tell" routine.

December 1951

Kerouac gets advance for On The Road

Jack Kerouac receives a \$250 advance for his novel On The Road with Allen's urging to his friend, Carl Solomon, who was then working at Ace books.

May 1953

Junkie published

William Burroughs' Junkie is first published as a 35-cent paperback by Ace books.

September 1953

Burroughs in love

William Burroughs moves to New York from Mexico and falls in love with Allen. They have an intense affair, which Allen eventually ends. During this period they work on assembling their correspondence, later published as Yage Letters.

December 1953

Burroughs moves to Tangier

After Allen abruptly ends their affair, William Burroughs moves to Tangier and does not return to the U.S. for 15 years.

December 1953

Allen in Mexico

Allen travels to Mexico for six months, returning to the U.S. that spring. During this period Allen begins writing "Siesta in Xbalba" and "Green Automobile."

January 1954

Kerouac explores Buddhism

Jack Kerouac begins serious study of Buddhism at the San Jose, California Library while staying with Neal Cassady and his new wife, Carolyn.

June 1954

Allen in San Francisco

Upon his return from Mexico Allen moves in with Neal and Carolyn Cassady in San Jose, California. Allen finds himself less welcome after Carolyn walks in on him and Neal in bed together; he moves to San Francisco that August and proceeds to write his poem "Song."

December 1954

Allen meets Peter Orlovsky

Allen Ginsberg meets and immediately falls in love with Peter Orlovsky at painter, Robert LaVigne's apartment in San Francisco, California.

August 1955

"Howl for Carl Solomon"

Allen writes first and last sections of "Howl for Carl Solomon."

August 10, 1955

City Lights' first book

City Lights Books publishes its first book: Lawrence Ferlinghetti's Pictures of the Gone World, which is the first in the Pocket Poet series.

September 1955**Allen meets Gary Snyder and Philip Whalen**

Kenneth Rexroth introduces Allen to Gary Snyder, who in turn introduces Allen to Philip Whalen — all while Allen is planning a poetry reading at San Francisco's Six Gallery at the request of friend Michael McClure's (whom Allen met while teaching at San Francisco State University and who shares an interest in William Blake).

September 1955**Allen in Berkeley, California**

Allen moves to a cottage behind 1624 Milvia Street in Berkeley, California. During this time he writes "Strange New Cottage in Berkeley," "A supermarket in California," and "Sunflower Sutra" and holds several odd jobs, including teaching one night a week at San Francisco State University and as a baggage handler at a Greyhound bus station.

October 7, 1955**"Howl" reading at Six Gallery**

At a poetry reading at San Francisco's Six Gallery, (arranged by Allen and moderated by Kenneth Rexroth), Allen reads parts of "Howl" for the first time. Philip Lamantia, Michael McClure, Gary Snyder and Philip Whalen also read. Lawrence Ferlinghetti telegrams Allen: "I greet you at the beginning of a great career. When do I get the Manuscript?"

March 18, 1956**"Howl" reading in Berkeley**

Allen reads "Howl" in its entirety at a poetry reading in Berkeley similar to a recent event at the Six Gallery.

June 9, 1956**Allen's mother dies**

Naomi Ginsberg dies of a brain hemorrhage while at Greystone State Mental Hospital. Allen receives a letter from her the following day, apparently written just prior to her death.

October 1956**Howl and Other Poems is published**

City Lights Books publishes Howl and Other Poems as part of the Pocket Poet series.

November 1956**The Mexico road trip**

After living in San Francisco, California for almost two years Allen begins planning his first trip to Europe. On their way back home Allen, Gregory Corso, and Peter and Lafcadio Orlovsky visit Jack Kerouac in Mexico.

March 1957**Allen and Peter in Morocco**

Allen and Peter Orlovsky head for Morocco to meet up with William Burroughs and help edit William's "Naked lunch." They travel on to Europe later that year.

May 21, 1957**Howl and Other Poems prompts arrests at City Lights Books**

Two plain-clothed police officers enter City Lights Books, buy copies "Howl and Other Poems" and leave. They return to arrest the clerk, Shigeyoshi Murao while an absent Lawrence Ferlinghetti is later served a warrant stating he sought to "willfully and lewdly print, publish and sell obscene and indecent writings, papers, and books, to wit: Howl and Other Poems." An August trial is set. The incident bolsters sales of the book.

June 10, 1957**Allen and others at the "Beat Hotel" in Paris**

Tensions rise between Allen and William Burroughs over Peter Orlovsky so Allen and Peter decide to head for Europe. They journey from Spain to Paris in September and land at 9, rue git le Coeur, Paris, later to be known as the "Beat Hotel". They are soon joined by Gregory Corso who'd been living in Amsterdam. Allen remains for 10 months.

October 3, 1957

"Howl" trial verdict

"Howl" is deemed "not obscene" by Judge Clayton Horn.

November 1957

Allen begins writing "Kaddish"

While at a café in Paris Allen starts "Kaddish".

January 1958

William Burroughs moves to Paris

William Burroughs joins Allen and the others at the Beat Hotel in Paris, just missing Peter Orlovsky, who had returned to New York. During their stay Allen, Burroughs and Corso meet Marcel Duchamp, Man Ray, Benjamin Peret, Tristan Tzara and Louise Ferdinand Celine, among many others.

April 2, 1958

"Beatnik" enters the lexicon

San Francisco Chronicle journalist Herb Caen adds "nik" (a la Sputnik, etc.) to "Beat" in an attempt to taint the group with a communist-like moniker.

April 8, 1958

Cassady arrested

Neal Cassady is arrested for possession of 2 marijuana cigarettes and later sentenced to 5 years to life in San Quentin Prison. He serves just over two years and is released on July 4, 1960.

July 17, 1958

Allen returns to New York

After an extended stay in the Beat Hotel in Paris, Allen sails for New York.

February 5, 1959

Allen comes home...

In something of a homecoming, Allen, Peter Orlovsky and Gregory Corso read to a sell-out crowd at Columbia University's McMillan Theater. Allen's father is present when Allen reads "Kaddish" for the first time.

May 1959

LSD

Invited by Gregory Bateson, Allen signs on as a test subject for an LSD-25 study at Stanford University's Mental Research Institute in Palo Alto, California.

1959

Naked Lunch published

Olympia Press publishes William Burroughs' Naked Lunch.

June 1959

Big Table magazine triumphs

The government loses its obscenity trial against Big Table magazine for publishing excerpts of Naked Lunch, in part due to Allen's impassioned defense.

April 1960

Allen in South America

Allen travels to Chile with Lawrence Ferlinghetti for a literary conference organized by local communists just as Castro is taking control Cuba. Allen is exposed to anti-American rhetoric in South and Central America. He travels on to Bolivia and Peru where he samples yage for the first time in his Lima hotel room (on May 23).

1960

The New American Poetry is published

Donald Allen's anthology *The New American Poetry: 1945-1960* is published representing the Beats and San Francisco poets for the first time in the mainstream.

September 15, 1960

Allen completes "Kaddish"

Nearly three years after starting, Allen Ginsberg completes "Kaddish" and sends it to Lawrence Ferlinghetti for inclusion in a forthcoming *City Lights Book*.

November 26, 1960

Allen meets Timothy Leary and experiments with "magic mushrooms"

Allen attends a psychiatry conference at which the Beats are the subject. Psychiatrist Sir Humphry Osmond, an associate of psychedelic researcher and novelist Aldous Huxley (*The Doors of Perception*), urges Ginsberg to meet Harvard psychiatrist Timothy Leary. Leary visits Ginsberg and invites him to Boston where Allen tries magic mushrooms (psilocybin) for the first time with Leary's guidance.

March 23, 1961

Allen begins significant early 1960's travels: Paris

Allen and Peter Orlovsky sail for Europe on the *SS America*, stopping first in Paris to look for William Burroughs.

April 29, 1961

Kaddish and Other Poems is published

City Lights Books releases *Kaddish and Other poems* as number fourteen of the *Pocket Poet* series.

July 15, 1961

Allen's early 60's travels continue: Tangier

Realizing William is no longer in Paris, they continue on to Tangier, where they finally find him. William Burroughs is not fond of Peter Orlovsky and makes this so clear that Peter becomes uncomfortable and departs for Istanbul. Timothy Leary appears in this scene.

August 24, 1961

Allen's early 60s travels continue: Greece

Allen sails to Greece and remains there through the middle of October.

October, 1961

Allen's early 60s travels continue: Israel

Allen departs Greece for Israel and links up once again with Peter Orlovsky.

January 21, 1962

Allen's early 60s travels continue: East Africa

Allen and Peter Orlovsky leave Israel and journey to East Africa where they attend a rally in Nairobi.

February 15, 1962

Allen's early 60s travels culminate: India

Allen and Peter Orlovsky travel from Africa to India, arriving in Bombay. They move on to Delhi and meet up with Gary Snyder and his wife, Joanne Kyger, who were living in Japan during the previous 5 years. For the next 15 months Peter joins Allen on a relentless journey through India in search of spiritual guidance. Allen meets with as many holy men as possible.

May 15, 1963

Allen's early 60s travels end in the Far East; he writes "The Change"

Allen leaves Peter (who chooses to remain in India for a while longer) and journeys through Bangkok, Saigon and Cambodia, finally spending 5 weeks with JoAnne Kyger and Gary Snyder in Japan. Allen then leaves for North America and on the train from Kyoto to Tokyo, writes "The Change".

C. July 26, 1963

Allen back in North America

Allen arrives in Vancouver, British Columbia from his lengthy travels in South and East Asia to participate in a poetry conference on July 17th. He then moves to San Francisco until the end of November, when he returns to New York.

July 4, 1964

"Back to the Wall"

It's a U.S. presidential election year and Allen writes his essay "Back to the Wall", lamenting the direction of American politics and the choice of candidates.

October 1964

Enter Ken Kesey and Merry Pranksters

Ken Kesey arrives in New York with Neal Cassady at the helm of his bus. Jack Kerouac is fetched from his home on Long Island for a gathering in the city but is more offended than excited by their wildness.

November 1964

Allen on tour in New England with Corso and Orlovsky

Allen, Peter Orlovsky and Gregory Corso conduct a series of readings at Brandeis and Harvard Universities. The Brandeis reading of "Kaddish" is recorded and later released on record.

January 11, 1965

The Naked Lunch Trial

In a Boston, Massachusetts courtroom, Allen defends Naked Lunch. Judge Eugene A. Hudson nevertheless rules the book obscene but is overturned by the State Supreme Court on July 7, 1966.

January 15, 1965

Allen makes waves in Cuba

Allen attends a literary conference in Cuba. Castro's regime is not recognized by the U.S. government so he is forced to travel through Mexico City (and exit via Czechoslovakia). Tension develops when Allen is rumored to have said Fidel's brother Raul is gay and that he (Ginsberg) thinks Che Guevara is cute. Numerous young poets are arrested and questioned after spending time with Ginsberg. Allen is escorted from his room and put on a flight to Prague on the 18th of February.

January-March 1966

The Fall of America and "These States" poems

Allen buys a state-of-the-art tape recorder with \$600 he receives from Bob Dylan and records spontaneously composed poetry. He adds these to a theme he started in Seattle the previous September, at first titled "These States," that trace his travels from Los Angeles to Kansas and back east. The works are later assembled into "The Fall of America" collection with "Wichita Vortex Sutra" proclaiming an to end the Vietnam war.

March 18, 1965

Allen in Moscow

While in Prague Allen jaunts to Moscow seeking a sense of ancestry and meets with Naomi's cousin, Joe Levy. He also spends some time with Russian poets Yevgeny Yevtuchenko and Andrei Voznesenski. On his way back to Czechoslovakia, Allen stops in Warsaw and Auschwitz.

May 1, 1965

Allen is crowned King of May

Allen returns to Prague just in time for the first May Day celebration since Soviet control began. Poet Joseph Skvorecky, the intended "King of May" is ill and asks Allen to take his place. Allen is shuttled through the crowds on a flatbed truck donning a paper crown. The high visibility draws attention from the authorities who confiscate Allen's journal and cite it as "evidence" of unwanted activity; Allen is expelled from the country.

May 7, 1965

Allen writes "Kral Majales"

Expelled from Czechoslovakia and on a flight to London, Allen writes his poem "Kral Majales," recounting his Prague experiences.

May 9, 1965

Allen with Bob Dylan in London

Bob Dylan invites Allen to his performance at London's Albert Hall and to a party with the Beatles thereafter. Noticing a very tense gathering, Allen nestles up to Dylan only to have John Lennon chide, "why don't you get closer!" Not missing a beat, Allen falls into Lennon's lap with "have you read William Blake?"

June 11, 1965

Allen at London's Royal Albert Hall

Aware London is teeming with poets, Allen organizes a reading similar to the 1956 affair he arranged in Berkeley, California. He writes "Who Be Kind To" especially for the occasion — with just three days to go. The international event draws 7,000 spectators and 19 poets, including Lawrence Ferlinghetti, Andrei Voznesenski, Harry Fainlight, Ernst Jandl and even William Burroughs.

June 29, 1965

Allen returns to the U.S. with a reactivated FBI file

Upon returning from his Cuba-Prague-Russia-London excursion, Allen is stopped by U.S. Customs and strip-searched. Stealing a glance at the customs papers Allen notes his previously deactivated FBI file is once again active and that "these persons are reported to be engaged in smuggling narcotics."

July 1965

The Berkeley Poetry Conference and a reunion with Gary Snyder

Allen returns to California for the Berkeley Poetry Conference with colleagues Amiri Baraka, Robert Duncan, John Wieners. He is reunited with Gary Snyder, who has recently returned from Japan, and the two travel to Oregon and Washington for a backpacking trip and shared Buddhist studies.

October 1965

Peace Protests and the Hells Angels

During a peace protest, "patriotic" Hells Angels harass demonstrators while the police stand by and do nothing. Worried about safety during an upcoming event, Allen composes a 21-point plan on "How to make a March/Spectacle," with instructions for peaceful demonstration and avoiding confrontation. The leaflet proves futile but Allen's chanting OM with his Harmonium sways the Angels, who reverse course and join in.

March 26, 1966

The Committee on Poetry

Appalled that his tax dollars play a role, however small, in America's war in Vietnam, Allen forms the Committee on Poetry to decrease his income tax by donating it instead to artists.

June 14, 1966

Allen, LSD, and the U.S. Senate

Allen testifies before the U.S. Senate Judiciary Subcommittee on Juvenile Delinquency and argues against making LSD possession illegal.

January 14, 1967

The "Human Be-In"

Allen helps plan the "Human Be-In" a speaking-musical-poetry-performance "...gathering of younger people aware of the planet's fate — desiring a new kind of society involving prayer, music and spiritual life." Timothy Leary and Jerry Rubin speak; Allen, Lawrence Ferlinghetti and Gary Snyder read poetry; and the Grateful Dead and Jefferson Airplane perform.

July 5, 1967

The Spoleto Festival

Allen travels to Italy for the Spoleto Festival, where he reads "Who Be Kind To." He is later arrested and detained by the Italian police for "use of certain words." An argument ensues over Allen's refusal to sign a statement the police prepared for him.

July 20, 1967

Dialectics of Liberation conference

Allen travels from Italy to London to attend the Dialectics of Liberation conference, organized by radical Psychologist R.D. Laing, who is seeking to "demystify human violence in all its forms." Allen gives his address: "Consciousness and Practical Action." Notably, Allen is rather effected by Gregory Bateson's introduction to the Greenhouse effect theory.

July 29, 1967

LSD and "Wales Visitation"

From London and the "Dialectics" conference, Allen Travels to Llanthony Valley in Wales where, feeling rather safe, he partakes of LSD. With the drugs and Gregory Bateson's Greenhouse effect theory swimming in his mind, Allen writes the poem "Wales Visitation."

October 21, 1967

Pentagon Exorcism

Tens of thousands attend a march on Washington, DC — the largest anti-war rally yet — to protest America's actions in Vietnam. The highlight of the event is the "Pentagon Exorcism" delivered by Ed Sanders and Tuli Kupferberg of the Fugs, the text of which was written by Allen (who is in Italy) and titled "No Taxation Without Representation."

October 28, 1967

Allen meets with Ezra Pound

Allen returns to Italy from his U.K. jaunts and finally meets with Ezra Pound, with whom he had sought an audience for quite some time. Pound agrees to answer some questions from Allen about his (Ezra's) poetry.

December 5, 1967

Allen's first arrest for anti-war activities

Allen is arrested along with pediatrician Dr. Benjamin Spock and 264 others at an anti-draft demonstration in New York City.

February 3, 1968

Neal Cassady dies

Neal Cassady is found dead near the railroad tracks between San Miguel Allende and Celaya, Mexico. Cassady set out on a 15-mile walk wearing shorts and a t-shirt and became sidetracked at a local wedding. After combining a Mexican agave-based alcohol called pulque with the barbiturate, Seconal he apparently continued on at sundown and died of exposure during the night.

Mar 17, 1968

"Festival of Life"

Allen, after being asked to participate, expresses safety concerns about the "Festival of Life" planned for the upcoming Democratic National convention. He nevertheless attends the convention along with friend and fellow peace protestor Jerry Rubin and Abbie Hoffman (the organizer, and whom Allen meets at the

affair), Phil Ochs and Arlo Guthrie. The organizers also create their own party, The Youth International Party, whose members are known as “Yippies.”

July 1968

Allen’s upstate retreat and Peter Orlovsky

Allen purchases an 80-acre farm as a retreat and work place and to insulate Peter Orlovsky from drugs. Allen’s friend, the filmmaker Barbara Rubin (who is familiar with the area) helps Allen select the property, which is 60 minutes west of Albany, near the small town of Cherry Valley.

August 24-30, 1968

Democratic National Convention, Chicago

Allen arrives in Chicago for the Democratic National Convention to find that Mayor Daley has refused to issue a permit for the “Festival of Life” and has armed the city to its teeth. As thousands stream into town, Allen feels responsible for preventing violence. At one point police attack the crowd and Allen begins a 7-hour chant of “Om.” Outbreaks continue through the week as the police brutalize TV reporters, news journalists and bystanders. Many are hospitalized.

Allen notes:

“Tear gassed chanting OM at Lincoln park Yippie Life-Festival Chicago 1968 Presidential convention, then accompanied Jean Genet & William Burroughs on front line Peace “Conspiracy” march led by Dave Dellinger.”

September 1968

Allen retreats to his Cherry Valley, NY farm for the 1968-69 winter

Drained by the events at the Democratic National Convention in Chicago, Allen repairs to his property in Cherry Valley, New York for the winter. He hires young filmmaker Gordon Ball to manage the farm with Peter Orlovsky and begins setting some of William Blake’s work to music for release on the Beatles’ Apple Records label.

November 1968

Planet News published

Allen’s Planet News: Poems 1961-1967 is published by City Lights Books as part of the Pocket Poet series.

June 1969

Allen records Blake’s Songs

Allen begins recording the Blake songs he set to music, mostly from Songs of Innocence and Songs of Experience. Barry Miles manages the project, which includes musicians Don cherry, Elvin Jones and Jon Scholle. After some troubles with Apple Records, the material is released by MGM records in 1970.

October 21, 1969

Jack Kerouac Dies

Jack Kerouac dies in St. Petersburg, Florida of cirrhosis of the liver. After he serves as a pal bearer at the funeral in Lowell, MA, Allen begins writing the long elegy, “Memory Gardens.”

December 1969

Allen testifies at the “Chicago Seven” conspiracy Trial

Allen testifies on behalf of the so-called Chicago Seven — the “Festival of Life” organizers who were tried for inciting a riot at the 1968 Democratic National Convention. Five of the defendants — Rubin, Hoffman, Hayden, Dellinger and Davis — are convicted but the ruling is later reversed.

May 1970

Allen’s Indian Journals published

City Lights Books publishes Allen’s Indian Journals, covering his travels in India from March 1962 through May 1963.

August 1970

Allen meets Chogyam Trungpa, Rinpoche

Swami Muktananda invites Allen to join him in Dallas, Texas to practice his (Muktananda's) style of chanting. Allen practices chanting "Guru Om" in his hotel room for a week and adopts the style for a short period.

Later that same year, however, while hailing a cab on a New York City street to take his father to the hospital, Allen meets the Tibetan Lama, Chogyam Trungpa, Rinpoche. The purely chance acquaintance proves to be the longer relationship.

May 1971

Spontaneous poetry?

Allen meets with Chogyam Trungpa, Rinpoche at a San Francisco hotel just before a public talk. Allen complains of fatigue and Trungpa replies "that's because you don't like your poetry. Make up your poems on the spot." Allen takes the advice to heart, though with only slight success, but finds himself fully intrigued by the man, nevertheless.

September 1971

India, Bengal, floods and famine

Using an anonymously donated ticket, Allen visits India and West Bengal, and in the latter, tours refugee camps at Jessore road after floods and famine have left some 7 million people homeless. In response, he writes the lengthy poem "September on Jessore Road."

November 9 & 17, 1971

Allen with Bob Dylan and First Blues

Bob Dylan observes Allen reading poetry at New York University. Dylan is impressed with Allen's improvisation and they continue that night with an impromptu jam session at Allen's apartment. The encounter is so successful that Dylan asks Allen to join him in the studio. The collaboration includes musicians Happy Traum and David Amram and the resulting work is released as First Blues, albeit much later in 1983.

January 1972

"Kaddish" makes the stage

After years of preparation Allen's stage adaptation of "Kaddish" is mounted at the Chelsea Theater in Brooklyn, New York. Directed by Robert Kalfin, the production is a critical success, running for nearly a month.

August 1972

The Republican National Convention and our government in action?

With the Republican National Convention coming up, Allen organizes a peace protest, which — documents later obtained through a Freedom of Information Act request would prove — was infiltrated by the FBI. The agents posed as demonstrators and deliberately generated a disruption to instigate arrests, including those of Allen and a several other participants. Though later released, the otherwise peaceful demonstrators are depicted as violent.

December 1972

Fall of America published — and hailed

City Lights Books publishes Fall of America to wide acclaim. Assembled from his recorded poems in early 1966, the book is faithful to Allen's chronicle of his travels and serves as a travelogue, capturing a sense of a country at war. The work receives the National Book Award for Poetry.

February 1973

National Institute of Arts and Letters

Allen — along with Kurt Vonnegut, Jr. — is elected to the National Institute of Arts and Letters.

September-December 1973

Meditation retreat with Trungpa, Rinpoche

Allen retreats to the Vajrayana Seminary hosted by Trungpa Rinpoche at Teton Village near Jackson Hole, Wyoming for meditation and advanced Buddhist training. He writes prodigiously during his stay and produces one long work in particular, "Mindbreaths", capturing his thoughts and meditations.

January 13, 1974

"Jaweh & Allah Battle"

Allen laments the Yom Kippur war in the Middle East, writing "Jaweh & Allah Battle" in his frustration.

1974

The Jack Kerouac School of Poetics

Allen responds to a request from Trungpa, Rinpoche and with Anne Waldman, co-founds the Jack Kerouac School of Disembodied Poetics at Naropa in Boulder, Colorado.

October 27, 1975

Allen and Bob Dylan on tour

After working to establish Naropa University, Allen joins Bob Dylan's Rolling Thunder Review tour late in 1975 and through parts of 1976.

July 7, 1976

Allen's father dies

Louis Ginsberg dies at the age of 80. Allen writes "Father Death Blues" while flying from Colorado to New York for the funeral.

October 31, 1976

The Merwin incident

During Trungpa, Rinpoche's 1976 seminary near Snowmass, Colorado, poet W.S. Merwin and companion Dana Naone are noted absent from a naked Halloween party. When located they refuse to join in, at which time Trungpa directs several people to break into their barricaded room and drag the reluctant pair to the gathering. An argument follows and they are forcibly stripped of their clothing.

The incident — which Trungpa characterizes as merely another teaching — becomes public three years later when Allen's interview with Tom Clark is published in the Boulder Monthly. The fiasco haunts Naropa for several years, setting off the "poetry wars," severing numerous friendships and drawing public criticism.

January 1, 1978

Mind Breaths

Allen's Mind Breaths is published by City Lights Books in yet another of the Pocket Poet series.

January 1978

Allen Ginsberg's FBI, CIA and DEA files and our government in action again?

Allen, using the Freedom of Information Act, obtains copies of his FBI, CIA and files, which prove more extensive — and petty — than he'd imagined. The first entry describes a 1960 television show during which Allen advocated the legalization of Marijuana.

Allen notes there is also a great deal of focus on his sexual behavior, which, strangely, the government characterizes as dangerous.

July 1978

"Plutonian Ode"

Allen, Peter Orlovsky, Daniel Ellsberg and others protest nuclear proliferation by practicing sitting meditation on railroad tracks, blocking trains that are bearing Plutonium and fissile materials. During the summer, Allen is arrested twice at Rocky Flats, Colorado nuclear facility during the summer and composes "Plutonian Ode" in the wake of these events.

1979

Allen tours Europe

Allen tours Europe several times, accompanying Gregory Corso, Peter Orlovsky and the Living Theater with musician, Steven Taylor. He also visits Blake's Cottage in Felpham, England, reads and sings in

Oxford, England and in Heidelberg and Tübingen Germany and at international poetry readings in Cambridge, Rotterdam, Amsterdam, Paris, Genoa and Rome.

Late 1979

The Merwin incident dogs Allen and Naropa

Allen and Naropa both continue to strain under the ongoing weight of the Merwin incident with the 1979 publication of Ed Sanders "The Party: A Chronological Perspective on a Confrontation at a Buddhist Seminary" and Tom Clark's "The Great Naropa Poetry Wars."

While Sanders' book reflects a measure of fairness, Clark's work clearly reveals a bias against Trungpa and is in part viewed by critics and readers alike as inaccurate and malicious. With Naropa's existence hanging in the balance, Allen is consumed for some time with defending Trungpa.

June 10, 1981

Allen and The Clash

Allen performs his poem/song "Capitol Air" on stage with the Clash at Bond's in New York City and later records a track called "Ghetto Defendant" with them for their album "Combat Rock."

October 1981

Allen moves to Boulder, Colorado

Allen relocates to Boulder, Colorado for several years to be more active in Naropa's poetics department.

January 1, 1982

Plutonian Ode is published

City Lights Books releases Plutonian Ode: Poems 1977-1982, Allen's last contribution to the publisher, as part of their Pocket Poets series.

1982

Allen in Nicaragua

Allen travels to Nicaragua to read at the Poetry Festival in Managua. He composes "Declaration of 3" with Ernesto Cardenal and Yevgeny Yevtuchenko, proposing non-interference in Nicaraguan evolution by the United States.

1982

Un-American Activities

Allen co-authors a P.E.N. Club report titled Un-American Activities, about the FBI's harassment of the underground press in America during 1960's and 1970's. City Lights Books publishes the book.

July 1982

25th Anniversary of "On the Road"

Allen hosts the 25th Anniversary National Celebration of On The Road at Naropa. He is joined by William Burroughs, Gregory Corso, Peter Orlovsky, Robert Creeley, Lawrence Ferlinghetti, Michael McClure, Diane Di Prima, Ken Kesey, Ted Berrigan, Carl Solomon, Ray Bremser, Jack Micheline, Robert Frank, Herbert Huncke, Dave Amram, Anne Waldman, Abbie Hoffman, Timothy Leary, Jan Kerouac, and others.

1983

Allen's First Blues released

Allen's double album First Blues: 1971 - 1981 is released, due in part to efforts by John Hammond, who formed his own label after problems with Columbia Records. The materials represent the best from three recordings, including the Bob Dylan collaboration.

January 1, 1984

Good Morning Mr. Orwell

New Year's Day sang Do the Meditation Rock with Peter Orlovsky & Steven Taylor in Nam June Paik's Good Morning Mr. Orwell Satellite TV performance with John Cage, Merce Cunningham & Laurie Anderson.

October 1984**Allen in China**

Allen travels to Beijing with Gary Snyder, Toni Morrison, Francine du Plessix Grey, William Gass and Harrison Salisbury as part of an American Academy of Arts & Letters delegation for a 4-day writers conference. He remains in China for an additional 8 weeks.

January 1985**Collected Poems**

Allen's new literary agent and friend, Andrew Wylie, arranges a 6-book, 6-figure deal with Harper & Row. Collected Poems 1947-1980 is the first effort, gathering the previous City Lights Books into one volume. (City Lights maintains the right to continue publishing the individual works.) Detractors scream "sell out" and accuse Allen of abandoning the small press world.

January 1985**Allen's new career?**

Allen reconnects with his love for taking pictures after a photo exhibition at Holly Solomon Gallery in New York. The show, "Hideous Human Angles" has Allen rediscovering old snapshots from throughout his lifetime. What amounts to something of a new career for Allen also brings a measure of international attention, with numerous photo exhibitions in Europe and the U.S.

February 1985**Harry Smith moves in**

Harry Smith, in Allen's words "painter, film-maker, universal folklore archaeologist, Bibliographer, American Folkways anthologist, archivist, Hermetic philosopher & Alchemist" moves in to Allen's 12th Street apartment after leaving the Hotel Breslin in January. He stays for the bulk of 1985. "He spent months recording ambient sounds of the Lower East Side come in thru my Manhattan windows from miles around."

November 17, 1985**Month long travels in USSR**

Travels with delegation of U.S.-Soviet Writers, meeting in Vilnius, Minsk, Leningrad & Moscow with William Gass, Bill Gaddis, Arthur Miller, Norman Cousins & Louis Auchincloss; visits with Bela Achmadulina. At first Allen's Visa is denied then granted for solitary visit Tbilisi encounter with filmmaker Sergei Parajanov; In he Moscow performs at A. Kozloff's birthday jazz concert & poetry reading at Lomonosov University with Yvgeny Yevtuchenko & Andrei Sergiev as translators.

January 1986**Protesting US Nicaraguan intervention**

In January Allen drafted a controversial widely-endorsed delegates' statement against American intervention in Nicaragua with Arthur Miller & Gunther Grass for P.E.N. International Conference NYC of which Allen was a Vice President, American chapter.

1986**Allen begins teaching at Brooklyn College**

Allen is appointed Distinguished Professor of English at Brooklyn College. While teaching responsibilities at Naropa could be considered somewhat "regular," this is Allen's first paid professorial job.

January 21, 1986**Nicaragua & Ruben Dario Poetry Festival**

Allen makes his second visit to Ruben Dario Poetry Festival in Nicaragua (the first visit was in 1982) with friend Patrick Warner, for eight days & meets with poets Jose Coronel Urtecho, Pablo A. Cuadra, Ernesto Cardenal, Carlos Martinez Rivas.

1986**White Shroud and more "Howl"**

Harper & Row publishes *White Shroud: Poems 1980-1985* and also an annotated version of "Howl" that includes a photocopy of Allen's original manuscript.

August 11-Sept 12, 1986

Middle-Europe Travels, Struga Festival, Macedonia

Arriving first in Budapest, Allen records with the Hobo Blues Band, and continues with a tour of readings stretching from Warsaw (Solidarity readings) through Belgrade, and Skopje, Macedonia, where he receives the prestigious, Golden Wreath prize for that year.

April 4, 1987

Chogyam Trungpa, Rinpoche dies

Allen's longtime friend and Buddhist mentor Chogyam Trungpa, Rinpoche dies at the age of 47 of a heart attack in Halifax, Nova Scotia after an extended illness.

August, 1987

The Lion for Real

Allen records material for his spoken word music album *The Lion for Real*, which was the brainchild of producer Hal Willner. Allen speaks, rather than singing, taking advice from Marianne Faithful who commented, "maybe you shouldn't sing." Musicians include Marc Ribot, Garo Yellin and Michael Blair and the album is released two years later.

January 5-28, 1988

Israel with, Steven Taylor, Robert Frank & Natan Zach

Allen travels to Israel and gives readings with Natan Zach at Tel Aviv & Haifa Universities & Jerusalem Cinemathique. He meets with Palestinian moderates Mubarak Awad & Hanna Senoria, addresses 60,000 at the Peace Now Rally. Also lectures at Camera Obscura School "Photographic Poetics" with Robert Frank. Organizes P.E.N. American Center protest of Israeli censorship of minority Palestinian literature & media.

February 1988

Wichita Vortex Sutra & Kaddish on Stage

The Eye and Ear Theater in New York City revives a stage presentation of *Kaddish* with music by Steven Taylor & sets by Eric Fischl. That same month Allen's collaboration opera with Philip Glass "*Wichita Vortex Sutra*" premieres at New York's Schubert Theater.

"This collaboration came about because Veteran's Theater Company asked Philip Glass to do a benefit performance with me at New York's Schubert Theater, 1988. We crossed paths at St. Mark's Bookshop, I showed him this passage I thought short & exciting, appropriate for the Vietnam Vets theater group," says Allen. From this seed another Ginsberg-Glass collaboration, *Hydrogen Jukebox* grew.

October 18-November 4, 1988

Japan Tour

Allen Reads in Tokyo with Kazuko Shiraishi at the American Literature Society of Japan, and has a photography exhibition at Tokyo Watari Gallery. He participates in the Osaka Anti-Nuke Rally, and gives benefit readings at Seika & Kyoto Universities with Nanao Sakaki to protect the Okinawan Shiraho Blue Coral Reef from construction of a new airport

1989

Ginsberg: A Biography

Allen's first biography, written by friend & associate Barry Miles is published this year.

Spring 1989

Ma Rainey to Gwendolyn Brooks

For the spring semester at Brooklyn College Allen, along with Professor Marie Buncomb teach Brooklyn College course "*African American Poetic Genius Ma Rainey to Gwendolyn Brooks.*" They host teacher/poets Quincey Troupe, David Henderson, Jayne Cortez, Lorenzo Thomas, June Jordan, Audrey Lorde, Alice Childress, Sonia Sanchez, Michael Harper and Gwendolyn Brooks.

1989

Allen meets Ngawang Gelek, Rinpoche

Through Philip Glass, Allen meets Tibetan Lama, Gelek, Rinpoche and the two quickly become friends. Allen and Philip jointly stage benefits for Gelek's Jewel Heart organization, and the two go on to enjoy summer and winter retreats together for the rest of Allen's life.

1990

Allen's photography published

A collection of Allen's photographs is elegantly published by TwelveTrees press and marks Allen's first such release in the U.S. Hitherto he'd had photography collections published only in Denmark and Germany.

April 24-May 5, 1990

Return of Kral Majales

Allen's first return to Prague since his notorious 1965 visit, May King crowning & subsequent expulsion. He is received by Mayor Koran & President Havel and recrowned King of May after 25 years

August 20 - September 2, 1990

Korea

Allen is the American delegate to the 12th World Congress of Poets, Seoul, South Korea

November 5-15, 1990

FNAC Photography Exhibition

Allen travels to France for the launch of his travelling photography exhibition at the French supermarket chain, FNAC. Each FNAC store in France & Italy has photography exhibitions of photographers ranging from Henri Cartier-Bresson, Berenice Abbot, Many Ray to David Wojnarowicz. This helps secure his reputation as a photographer as well as a poet.

February 19-23, 1991

Lectures at Virginia Military Institute

At the invitation of Gordon Ball, Allen spends a week as resident lecturer at Virginia Military Institute, lecturing on poetry.

1992

Chevalier de l'Ordre des Artes et des Lettres

Allen receives the French high literary award "Chevalier de l'Ordre des Artes et des Lettres" presented by Jacques Lang, French Minister of Culture, Paris. The Chevailler (Knight) is the third of three ranks in the the Order of Arts and Letters.

January 1993

Life & Times of Allen Ginsberg

After ten years of editing, filming & interviewing, Jerry Aronson's film "The Life & Times of Allen Ginsberg" has it's premiere at Sundance Film Festival.

September-December 1993

Europe! Europe!

During his Brooklyn College Sabbatical, Allen takes a four month European tour. He spends ten days teaching with Anne Waldman at the Vienna Poetry School, travels to Budapest & Belgrade then to Bydgoszcz, Krakow, Lodz, & Warsaw in Poland. Performs at the Cheltenham Festival England. His first visit to Ireland brings him to readings in Dublin & Belfast, and a TV collaboration with Bono at the U-2 studio. Readings in Norway, Munich, Berlin, Prague, Barcelona, Madrid, Cordoba, Athens. He visits with Alan Ansen in Greece, and makes a final stop in Tangiers visiting with Paul Bowles and revisits the old hotel room he, Peter O. & Jack Kerouac stayed in on their previous trips in 1957 & 1961.

January 20, 1994

Howl & Kronos Quartet

Allen performs *Howl* with the Kronos Quartet, music composed by Lee Hyla, premiering at Carnegie Hall.

1994

Allen sells archive to Stanford University; purchases NY loft

Allen transfers a trove of life's work, photos, artifacts, manuscripts, etc. — the result of ten years of archiving efforts — to Stanford University in California for \$1 million and buys a modest but comfortable loft space in New York's East Village to serve as his home and office.

The net proceeds are less than expected — Allen quips: "The Federal Government, 38 percent. The state 12 percent, the city 6. My agent took 5, the archivist who worked on the project for 10 years, 10. I was left with a third. I bought the loft. Now I'm back to square one."

1994

Cosmopolitan Greetings

HarperCollins publishes *Cosmopolitan Greetings: Poems 1986-1992*, which is the last collection released while Allen is alive.

October 1994

Holy Soul Jelly Roll

After years of scouring for and listening to archival recordings, Allen & producer Hal Willner compile a 4 CD set of earliest existing recordings of each poem and song featured. Rhino Records release it as *Holy Soul Jelly Roll: Poems & Songs 1949-1993*.

October 29, 1994

The Vortex

To celebrate the release of *Holy Soul Jelly Roll*, Allen & producer Hal Willner organise a large ensemble performance of Allen's "*Whichita Vortex Sutra*" poem with musicians Philip Glass, Art Baron, Stephan Smith, David Mansfield, Arto Lindsay, Marc Ribot, Michael Blair, Elliot Sharp, Lenny Kaye, Lee Ranaldo, Steve Shelley, Lenny Pickett & Christian Marclay. The event was a success, and was released in CD format, October 2004, exactly 10 years later

April 5, 1997

Allen dies

Irwin Allen Ginsberg, surrounded by family and friends in his East Village loft in New York City, succumbs to liver cancer — complications of Hepatitis — and dies. He was 70.

ANEXO 2

Allen Ginsberg's Bibliography⁵⁰:

Poetry

Collected Poems 1947-1997

Allen Ginsberg

HarperCollins, New York City, 2006

Cosmopolitan Greetings Poems 1986-1992

Allen Ginsberg

HarperCollins, New York City, 1994

Death & Fame: Poems 1993-1997

Allen Ginsberg

HarperCollins, New York City, 1999

Peter Hale, editor

Fall of America: Poems of These States, 1965-1971

Allen Ginsberg

City Lights Books, San Francisco, 1973

Howl and Other Poems

Allen Ginsberg

City Lights Books, San Francisco, 1956

Howl Annotated w/facsimile manuscript

Allen Ginsberg

Harper Perennial (Paperback), New York City, 2006

Barry Miles, editor

Illuminated Poems

Allen Ginsberg & Eric Drooker

Four Walls Eight Windows, New York City, 1996

Iron Horse

Allen Ginsberg

Toronto/City Lights Books, San Francisco, 1974

Kaddish and Other Poems, 1958-1960

Allen Ginsberg

City Lights Books, San Francisco, 1961

Mind Breaths, Poems 1971-76

Allen Ginsberg

City Lights Books, San Francisco, 1978

Planet News, 1961-1967

Allen Ginsberg

City Lights Books, San Francisco, 1968

⁵⁰ In www.allenginsberg.org

Plutonian Ode, Poems 1977-1980
 Allen Ginsberg
 City Lights Books, San Francisco, 1982

Reality Sandwiches
 Allen Ginsberg
 City Lights Books, San Francisco, 1963

Selected Poems 1947-1995
 Allen Ginsberg
 HarperCollins, New York City, 1996

The Gates of Wrath, Rhymed Poems 1948-51
 Allen Ginsberg
 Four Seasons, Bolinas, CA, 1972

White Shroud Poems 1980-1985
 Allen Ginsberg
 Harper & Row, New York City, 1986

Prose

Allen Verbatim: Lectures on Poetry etc.
 Allen Ginsberg
 McGraw Hill, New York City, 1974 (op)
 Gordon Ball, editor

As Ever: Collected Correspondence Allen Ginsberg & Neal Cassady
 Creative Arts, Berkeley, CA, 1977
 Barry Gifford, editor

Chicago Trial Testimony: City Lights Trashcan of History Series #1
 Allen Ginsberg
 City Lights Books, San Francisco, 1975

Composed on the Tongue (Literary Conversations, 1967-1977)
 Allen Ginsberg
 Grey Fox Press, Bolinas, CA, 1980
 Donald Allen, editor

Deliberate Prose: Selected Essays 1952-1995
 Allen Ginsberg
 HarperCollins, New York City, 2000
 Bill Morgan, editor

Family Business: Selected Letters between a Father and Son
 Allen Ginsberg
 Bloomsbury, New York, 2001
 Michael Schumacher, editor

Gay Sunshine Interview (w/Allen Young)
 Allen Ginsberg
 Grey Fox Press, Bolinas, CA, 1974

Allen Young, editor

Indian Journals
Allen Ginsberg
Grove Press, New York City, 1996

Journals Early Fifties Early Sixties
Allen Ginsberg
Grove Press, New York City, 1977, 1993
Gordon Ball, editor

Journals Mid-Fifties 1954-1958
Allen Ginsberg
HarperCollins, New York City, 1995
Gordon Ball, editor

Luminous Dreams
Allen Ginsberg
Zasterle Press, Gran Canaria, Canary Islands, Spain, 1997

Spontaneous Mind: Selected Interviews: 1958-1996
Allen Ginsberg
HarperCollins, New York City, 2001
David Carter, editor

Straight Hearts' Delight: Love Poems and Selected Letters (w/Peter Orlovsky)
Allen Ginsberg, Peter Orlovsky
Gay Sunshine Press, San Francisco, 1980
Winston Leyland, editor

The Visions of the Great Rememberer Epilogue to Kerouac's Visions of Cody
Allen Ginsberg
Penguin, New York City, 1993

The Yage Letters (w/William S. Burroughs)
William Burroughs
City Lights Books, San Francisco, 1963

To Eberhart from Ginsberg
Allen Ginsberg
Penmaen Press, Lincoln, MA, 1976

Your Reason and Blake's System
Allen Ginsberg
Hanuman Books, New York City, 1988

Photography and Catalogues

Allen Ginsberg 108 Images
Allen Ginsberg
Fred Hoffman Fine Art, Santa Monica, CA, 1995

Allen Ginsberg Photographs
Allen Ginsberg

Twelvetrees Press, Santa Fe, NM, 1991

Snapshot Poetics: A Photographic Memoir of the Beat Era
 Allen Ginsberg
 Chronicle Books, San Francisco, 1993
 Michael Kohler, editor

Biographies, Critical Essays, Bibliographies

Allen Ginsberg's Buddhist Poetics
 Tony Trigilio
 Southern Illinois University Press, 2007

I Celebrate Myself: The Somewhat Private Life of Allen Ginsberg
 Bill Morgan
 Viking/Penguin, 2006

American Scream: Allen Ginsberg's 'Howl' and the Making of the Beat
 Jonah Raskin
 University of California Press, Berkeley, 2004

A Casebook of the Beat,
 Thomas Y. Crowell, NY, 1961
 T. Parkinson, editor

Allen Ginsberg Bibliography 1943-1967
 City Lights Books, San Francisco, 1971
 G. Dowden, editor

Best Minds A Tribute to Allen Ginsberg,
 Lospecchio Press, New York City, 1986
 Bill Morgan and Bob Rosenthal, editors

Dear Allen: Letters to Allen Ginsberg by William S. Burroughs 1953-57
 William Burroughs
 Full Court Press, New York City, 1982

Dharma Lion: A Critical Biography of Allen Ginsberg
 Michael Schumacher
 St. Martin's Press, New York City, 1992

Ginsberg: A Biography
 Barry Miles
 Simon & Schuster, New York City, 1989

On the Poetry of Allen Ginsberg,
 Allen Ginsberg
 University of Michigan Press, Ann Arbor, MI, 1984
 Lewis Hyde, editor

Paris Review Interviews w/Tom Clark, 3rd Series
 Allen Ginsberg
 Viking, New York City, 1967

Scenes Along the Road
 Gotham Book Mart, New York City, 1970
 Ann & Sam Charters, editors

Scenes Along the Road
 City Lights Books, San Francisco, 1984
 Anne Charters, editor

Talking Poetics from Naropa Institute Vol. 2
 Shambhala, Boston, 1979
 Anne Waldman, editor

Talking Poetics from Naropa Institute, Vol 1
 Shambhala, Boston, 1978
 Anne Waldman

The Marihuana Papers
 Bobbs-Merril, New York City, 1966
 David Solomon, editor

The New Naked Poetry
 Bobbs-Merrill, New York City, 1976
 Berg & Mazey, editors

The Poem in its Skin
 Paul Carrol
 Big Table/Follet, Chicago, IL, 1968

The Poetics of the New American Poetry,
 Grove Press, New York City, 1973
 Donald Allen, Warren Tallman, editors

The Portable Beat Reader
 Viking Portable Library, New York City, 1992
 Ann Charters, editor

The Post -Moderns: The New American Poetry Revised
 GroveGrove Press, New York City, 1982
 Donald Allen and G. Butterick, editors

The Works of Allen Ginsberg, 1941-1994 A Descriptive Bibliography
 Greenwood Press, Westport, CT, 1995
 Bill Morgan, editor

Visionary Poetics of Allen Ginsberg,
 Paul Portuges
 Ross-Erikson, Clifornia, 1978

ANEXO 3

Kaddish⁵¹

Transliteração:

Yitgadal veitkadash shemei raba

Amen

Bealma divera chirut'e veiamlich malchutê veitsmach purkanê vicarev meshichê Amen

Bechaeichon uveiomechon uvechaiê dechol bet Israel, baagala uvizman cariv veimru

Amen

IEHÉ SHEME RABA MEVARACH LEOLAM ULEALME ALMAYA

Itbarach, veyishtabach veyitfaar veyitromam veyitnassê veyit hadar veyithalê veyothalal
shemê dekudshav berich hu

Amen

Leelamin col birchata veshiratá tushbechata venechemata daemiran bealma veimru

Amen

Al Israel veal rabanan veal talmideho veal col talmidei talmidehon, veal col deaskin
beoraita di veatra cadisha haden vedi vechol atar vaatar ieche lehon ulechon shelama
raba china vechisda verachamê arichê umezonê revichê ufurcaná min codam avuhon di
vishmaia

vimru Amen

Iehe shelama raba min shemaia vechayim tovim alenu veal col Israel

veimru Amen

OSSÊ SHALOM BIMROMAV HU YAASSE SHALOM ALENU VEAL COL ISRAEL
VEIMRU AMEN

⁵¹ In www.netjudaica.com.br/novaNetJudaica/Default.asp

Tradução:

Exaltado e santificado seja seu grande nome,

Amen,

no mundo que ele criou por sua vontade. Queira Ele estabelecer Seu Reino e determinar o resurgimento da sua Redenção e apressar o advento de Seu Ungido

Amen,

no decurso de sua vida, nos seus dias e no decorrer da vida de toda a casa de Israel, prontamente e em tempo próximo.

E dissei Amen.

Seja seu grande nome bendito eternamente e para todo o sempreç seja bendito, louvado, glorificado, exaltado, engrandecido, honrado, elevado e excelentemente adorado o Nome do Sagrado, Bendito Ele,

Amen.

Acima de todas as bênçãos, hinos, louvores, e consolações que possam ser proferidas no mundo

e dissei Amen.

Sobre Israel, seus sabios, seus discípulos e os discípulos de seus discípulos e sobre todos os que estudam diligentemente a Lei Sagrada, neste santo lugar e em qualquer outro lugar, haja para eles e para vos grande paz, favor, e misericórdia, vida longa e sustento farto, e redenção da parte do Pai.

E dissei Amen.

Que haja uma paz abundante emanada do céu e vida boa para nós e para todo o povo de Israel;

e dissei Amen.

Aquele que faz a paz nas alturas, com sua misericórdia, conceda a paz sobre nós e sobre todo seu povo de Israel,

e dissei Amen.

ANEXO 4

Re: "Kaddish"

Sexta-feira, 17 de Outubro de 2008 8:49

De:

"Claudio Willer" <cjwiller@uol.com.br>

Para:

thatyanedc@yahoo.com.br

às ordens para mais informações.

bjs,

Claudio Willer

cjwiller@uol.com.br

www.secrel.com.br/jpoesia/cw.html

www.triplov.com/willer/index.html

www.tvcronopios.com.br/bitniks04/

----- Original Message -----

From: Thatyane Carreteiro

To: Claudio Willer

Sent: Thursday, October 16, 2008 8:49 PM

Subject: Re: "Kaddish"

Nossa Claudio, nem sei como agradecer! Me sinto privilegiada por receber um "resuminho" seu, certamente será muito aproveitável.

Muito, muito obrigada!

Abraço,

Thatyane.

--- Em qua, 15/10/08, Claudio Willer <cjwiller@uol.com.br> escreveu:

De: Claudio Willer <cjwiller@uol.com.br>

Assunto: Re: "Kaddish"

Para: thatyanedc@yahoo.com.br

Data: Quarta-feira, 15 de Outubro de 2008, 15:36

vou verificar na biografia de Ginsberg por Barry Miles o que diz sobre o episódio. anexado, resuminho do minicurso de geração beat que dei em São Carlos, sexta-feira.

abraço,

Claudio Willer

cjwiller@uol.com.br

www.secret.com.br/jpoesia/cw.html

www.triplov.com/willer/index.html

www.tvcronopios.com.br/bitniks04/

----- Original Message -----

From: Thatyane Carreteiro

To: Claudio Willer

Sent: Wednesday, October 15, 2008 3:55 PM

Subject: Re: "Kaddish"

Claudio,

Devo entregar a monografia até meados do mês de novembro. Que pena que o seu livro não saiu antes, com certeza teria muita utilidade para a minha pesquisa. De qualquer forma,

já estou curiosa para lê-lo!

Estou trabalhando com duas edições e em uma delas (de 2005) tem sim a tradução da oração.

Muito obrigada pelas dicas!

Abraço,

Thatyane.

--- Em seg, 13/10/08, Claudio Willer <cjwiller@uol.com.br> escreveu:

De: Claudio Willer <cjwiller@uol.com.br>

Assunto: Re: "Kaddish"

Para: thatyanedc@yahoo.com.br

Data: Segunda-feira, 13 de Outubro de 2008, 16:14

Thatyane,

Muito interessante.

Para quando é a entrega do seu trabalho?

Este ano sai livro meu sobre geração beat - L&PM Pocket - no qual acentuo religiosidade transgressiva e misticismo licencioso na beat.

Nas notas de rodapé da sua edição tem a tradução da oração em hebraico?

Agora, leve em conta que poesia é ambivalente, paradoxal - pode ser e não ser, independentemente da intenção do autor - sob o ponto de vista da psicanálise, é.

Divindade como 'grande útero', nos poemas sob alucinógenos - faça comparação.

abraço,

Claudio Willer

cjwiller@uol.com.br

www.secrel.com.br/jpoesia/cw.html

www.triplov.com/willer/index.html

www.tvcronopios.com.br/bitniks04/

----- Original Message -----

From: Thatyane Carreteiro

To: cjwiller@uol.com.br

Sent: Monday, October 13, 2008 4:21 PM

Subject: "Kaddish"

Claudio Willer,

Sou aluna do último ano de Letras da Universidade Federal do Paraná e estou escrevendo a minha monografia sobre o poema "Kaddish" do Allen Ginsberg, com a análise baseada na sua tradução.

Conversei com minha orientadora a respeito da cena de sedução, seguida de uma oração hebraica, e estamos discutindo se é apenas uma mera sugestão ou se há algum outro significado para o poema:

"Certa vez achei que estava querendo que eu trepasse com ela - flertando consigo mesma no lavabo - deitada na cama enorme que ocupava a maior parte do quarto, vestido levantando até os quadris, grande talho de pêlos, cicatrizes de operação, pâncreas, feridas no ventre, abortos, apêndice, as marcas dos cortes destacando-se na gordura como horríveis zíperes grossos longos lábios esgarçados entre suas pernas - O que, até mesmo cheiro de cu? Fiquei frio - mais tarde um pouco enojado, não muito - pareceu uma boa idéia talvez tentar - conhecer o Monstro do Útero Inicial - talvez- dessa maneira. Iria ela se incomodar? Precisa de um amante.

Yisborach, v' istabach, v' yispoar, v' yisroman, v' yisnaseh, v' yisshador, v' yishalleh, v' yishallol, sh' meh, d' kudsho, b' rich hu"

Se possível, gostaria de um esclarecimento seu a respeito dessa passagem.

Obrigada pela atenção.

Atenciosamente,

Thatyane Domingues Carreiro.